

**CURSO DE HISTÓRIA**

André Luis Marques de Assis

**A AMEAÇA AMERICANA: UMA ANÁLISE DA FIGURA POLÍTICA DE  
DONALD TRUMP NAS PÁGINAS DA REVISTA VEJA**

Santa Cruz do Sul

2017

André Luis Marques de Assis

**A AMEAÇA AMERICANA: UMA ANÁLISE DA FIGURA POLÍTICA DE  
DONALD TRUMP NAS PÁGINAS DA REVISTA VEJA**

Trabalho de conclusão, apresentado ao Curso de História da  
Universidade de Santa Cruz do Sul para a obtenção do título de  
graduado em História.

Orientador: Prof. Dr. Diego Orgel Dal Bosco Almeida

Santa Cruz do Sul

2017

André Luis Marques de Assis

**A AMEAÇA AMERICANA: UMA ANÁLISE DA FIGURA POLÍTICA DE  
DONALD TRUMP NAS PÁGINAS DA REVISTA VEJA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi submetido ao Curso de História da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito para obtenção do título de graduado em História.

*Dr. Diego Orgel Dal Bosco Almeida*

Professor orientador – UNISC

*Dr. Éder da Silva Silveira*

Professor examinador - UNISC

Santa Cruz do Sul

2017

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar como se deu a apresentação da figura política do candidato Donald Trump nas páginas da revista *Veja* no decorrer da campanha presidencial norte-americana de 2016. A análise (que tem como recorte temporal o período que vai da aclamação de Trump como candidato republicano em julho de 2016 até a sua posse como 45º presidente estadunidense em janeiro de 2017), foi desenvolvida a partir da construção de conjuntos categoriais, método de análise ensinado por Bardin (1977) e justifica-se pela necessidade de preencher uma lacuna na área da história que ainda não debruçou-se sobre este tema. O trabalho dividiu-se em três capítulos: o primeiro é dedicado a uma contextualização da eleição presidencial norte-americana de 2016 a partir de uma análise da recente história sócio-política dos Estados Unidos, o segundo analisa como deu-se a formação e consolidação da revista *Veja* no mercado editorial brasileiro (bem como o posicionamento político da mesma), e o terceiro traz uma análise dos principais conjuntos categoriais extraídos do *corpus* da pesquisa, bem como um mapeamento dos aspectos-chave do conteúdo da revista sobre o personagem analisado. As conclusões indicam que Donald Trump foi apresentado de forma negativa nas páginas da revista *Veja*, sendo o nova-iorquino tratado como uma ameaça, não só à ordem mundial, mas também à globalização e modernidade e ao regime democrático norte-americano.

**Palavras – chave:** Política. Eleições. Imprensa. Donald Trump.

## ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the presentation of the political figure of the candidate Donald Trump in the pages of *Veja* magazine during the US presidential campaign of 2016. The analysis (which has as a temporal cut the period that goes from the acclamation of Trump as a Republican candidate in July 2016 until his inauguration as the 45th US president in January 2017), was developed from the construction of categorical assemblages, method of analysis taught by Bardin (1977) and justified by the need to fill a in the area of history that has not yet dealt with this issue. The work is divided into three chapters: the first is devoted to a contextualization of the 2016 US presidential election based on an analysis of the recent socio-political history of the United States, the second examines how formation and consolidation took place of *Veja* magazine in the Brazilian publishing market (as well as the political positioning of the same), and the third brings an analysis of the main categorical assemblages extracted from the corpus of the research, as well as a mapping of the key aspects of the magazine content about the analyzed character. The findings indicate that Donald Trump was presented negatively on the pages of *Veja* magazine, and New Yorker was treated as a threat not only to the world order but also to globalization and modernity and to the American democratic regime.

**Keywords:** Politics. Elections. Press. Donald Trump.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>3</b>
<b>CAPÍTULO 1 ESTADOS UNIDOS: AS CRISES ECONÔMICAS, O NEOLIBERALISMO E OS PROJETOS POLÍTICOS CONSERVADORES EM PERSPECTIVA</b> .....	<b>6</b>
1.1 Crise na Economia e neoliberalismo .....	6
1.2 Contraofensiva conservadora: o pleito de 1980 e o advento da “Nova Direita” .....	10
1.3 Os anos 1980: de Reagan a Bush.....	13
1.4 O Pleito de 1992 e a consolidação do “neoliberalismo progressista” .....	14
1.5 A eleição contestada de 2000 e a Era Bush Jr. ....	17
1.6 A eleição de 2008 e o Governo Obama .....	19
1.7 O Pleito de 2016 e o advento de Donald J. Trump.....	22
<b>CAPÍTULO 2 A REVISTA VEJA: A POLÍTICA ENTRE A FORMAÇÃO E A CONSOLIDAÇÃO NO MERCADO EDITORIAL</b> .....	<b>28</b>
2.1 A Revista Veja: fundação e consolidação .....	29
2.2 A política nas páginas da Veja .....	33
2.2.1 O feminino e a política .....	34
2.2.2 Ditadura Militar Brasileira: governo, resistência e movimentos sociais .....	35
2.2.3 Personalidades Políticas .....	36
2.2.4 Governos .....	37
2.2.5 Eleições .....	39
<b>CAPÍTULO 3 DONALD TRUMP E AS ELEIÇÕES NORTE AMERICANAS NAS PÁGINAS DA REVISTA VEJA</b> .....	<b>43</b>
3.1 Donald Trump e as relações com a Rússia.....	45
3.2 Donald Trump, o populismo e o populista .....	48
3.3 Donald Trump: mentiroso .....	52
3.4 De mentiroso a populista .....	56
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>58</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>60</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como problemática analisar a maneira pela qual a figura política de Donald Trump foi apresentada nas páginas da revista *Veja* no contexto da eleição presidencial norte-americana de 2016. Desta forma, o recorte temporal abrangido pela pesquisa compreende o período que vai da aclamação de Donald Trump como candidato oficial do Partido Republicano em julho de 2016 até a sua posse como 45º presidente norte-americano em janeiro de 2017.

Entende-se ser importante analisar a eleição presidencial norte-americana á luz da campanha de Donald Trump não só por ter sido ele o candidato vencedor, mas principalmente por ter sido ele eleito supostamente para “consertar” uma série de distorções (reais ou imaginárias) que tem assolado a sociedade norte-americana nas últimas décadas. Indagada sobre Donald Trump, a atriz Susan Sarandon, em entrevista ao jornal *The Guardian*<sup>1</sup>, afirmou que “O que devemos discutir não é a eleição, mas como chegamos ao ponto em que Trump foi a resposta.” A presente pesquisa, através de uma contextualização histórica da recente história dos Estados Unidos e de um mapeamento dos aspectos chave do conteúdo de *Veja*, propõe-se contribuir para o debate acerca da problemática levantada por Sarandon.

Evidentemente, o interesse por tal assunto guiou-se também por afinidades pessoais do autor deste trabalho que devem-se a meu profundo interesse pela história política estadunidense. O processo eleitoral norte-americano de 2016, e o advento de Donald Trump (personagem cuja campanha trouxe uma série de problemáticas sobre o futuro dos Estados Unidos e a história recente do país), motivou-me a pesquisar sobre o pleito e o triunfo de seu vencedor á luz de uma perspectiva histórica.

Do ponto de vista social, este trabalho justifica-se por contribuir para uma melhor compreensão de acontecimentos tão recentes (como a eleição de Trump e a campanha presidencial de 2016) junto a sociedade que, torpedeada por notícias a todo instante, provenientes de todos os lugares, ainda não conseguiu consolidar uma visão ou opinião sobre estes acontecimentos tão contemporâneos. Da perspectiva científica, justifica-se a presente produção por ela vir a contribuir para o preenchimento de uma lacuna na história referente ao estudo das eleições presidenciais norte americanas de

---

<sup>1</sup> BROCKES Emma. **Susan Sarandon: ‘I thought Hillary was very dangerous. If she'd won, we'd be at war’**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/film/2017/nov/26/susan-sarandon-i-thought-hillary-was-very-dangerous-if-shed-won-wed-be-at-war>>. Acessado em: 01.dez.2017

2016 e a vitória de Donald Trump, (lacuna inteiramente justificada pela contemporaneidade destes acontecimentos).

O objetivo geral do presente trabalho é abordar a figura política de Donald J. Trump no contexto das eleições presidenciais norte americanas de 2016. Para tanto, foram utilizadas reportagens da Revista *Veja* (o semanário de maior tiragem no Brasil) que abordaram o pleito americano de 2016 e a campanha republicana encabeçada pelo candidato Donald Trump. Como objetivos específicos propõe-se compreender a recente história dos Estados Unidos para contextualizar a Eleição Presidencial de 2016, analisar a história da Revista *Veja* e sua posição recente sobre a política e eleições e analisar a figura de Donald Trump e os principais termos/adjetivos referentes a ele nas reportagens da *Veja*.

Para atingir tais objetivos, o presente trabalho percorreu os seguintes caminhos: inicialmente uma coleta das fontes (reportagens da Revista *Veja* que abordem a eleição presidencial norte americana de 2016 - da Convenção Nacional Republicana, que se deu entre os dias 18 e 21 de julho de 2016 em Cleveland, Ohio até a posse do presidente Donald Trump ocorrida em 20 de janeiro de 2017). Feita a coleta de tais fontes, as mesmas foram submetidas a uma leitura flutuante<sup>2</sup> onde foram destacados os principais trechos que trouxeram adjetivos relacionados ao republicano Donald Trump. Cumprida tal etapa, os trechos em destaque (e os adjetivos referentes ao candidato presidencial) foram divididos em conjuntos categoriais. Tal análise qualitativa segue a linha defendida por BARDIN (1977). Definidos os conjuntos deu-se uma análise de conteúdo investigando como cada um deles abordou a figura política de Donald Trump de acordo com a Revista *Veja*.

No quadro teórico, consideramos o conceito de história entendido como o campo do saber que, através de um estudo do passado (e não somente dele), promove o “desvendamento das relações que se estabelecem entre os grupos humanos em diferentes tempos e espaços”. (BEZERRA, 2004, p. 45). Neste grande campo que é o do estudo histórico, obviamente não impera uma única abordagem, monolítica, haja vista que “uma característica crescente da historiografia moderna é que ela tem passado a ver a si mesma [...] como um campo fragmentado, compartimentado, partilhado em uma

---

<sup>2</sup> Segundo BARDIN (1977, p.96), a leitura flutuante é: a primeira atividade [ da pré análise documental], consistindo em “ conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações. Esta fase é chamada de ‘leitura flutuante’, por analogia com a atitude do psicanalista. Pouco a pouco, a leitura vai-se tornando mais precisa, em função de hipóteses emergentes, da projeção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas sobre materiais análogos.



grande gama de subespecialidades e atravessado por muitas e muitas tendências (BARROS,2004, p.18).

A partir desta “fragmentação” da história, surgiram inúmeros campos de análise dentro do estudo histórico, como a História Agrária, a História Econômica, a Geo-História, a Micro- História e a História Política.

A História política (campo no qual se insere o presente trabalho) é aqui compreendida como um campo de estudo avesso ao caráter “anedótico e individualista” que imperou no passado (e que sob alguns aspectos insiste em sobreviver) e mais próximo da natureza das verdadeiras realidades sociais (REMOND, 2003). Dentro deste campo da História, o presente trabalho fez uso de dois conceitos: o primeiro de mídia, enfatizando a relação da imprensa com o poder, levando em consideração as paixões, os impulsos, as motivações morais e até mesmo o desinteresse (JEANNENEY, 2003, p.222), o segundo, o de eleições, aqui entendidas como produtoras de efeitos diversificados no processo político não se limitando jamais a sua principal finalidade institucional de recompor as assembleias e órgãos de governo (LAMOUNIER, 1975,p. 15).

Dada à contemporaneidade dos assuntos que foram objeto de análise, se fez necessário também, destacar a história do tempo presente, periodização histórica que, a despeito das objeções encontradas por parte da comunidade de historiadores, tem tido receptividade cada vez maior entre os profissionais de história, passando a entrar “na ordem do dia no Brasil, não só como objeto de pesquisa acadêmica, mas também como um tema desafiador para os historiadores do ponto de vista ético e político” (DELGADO, FERREIRA, 2013, p.19).

## Capítulo 1

### ESTADOS UNIDOS: AS CRISES ECONÔMICAS, O NEOLIBERALISMO E OS PROJETOS POLÍTICOS CONSERVADORES EM PERSPECTIVA

O capítulo que segue procura traçar uma perspectiva histórica de questões políticas e sociais das últimas décadas do século XX até os dias atuais nos Estados Unidos. Trata-se de situar alguns dos principais acontecimentos dos últimos decênios nos campos político, econômico e social no sentido de colocar em perspectiva mais ampla o objeto / tema de pesquisa deste trabalho, qual seja, as eleições norte-americanas de 2016.

Embora aparentemente pareça destoar do tema escolhido como eixo central deste trabalho de pesquisa, torna-se importante contextualizar a recente história política norte-americana procurando compreender o cenário mais amplo, no tempo e no espaço, das eleições de 2016<sup>3</sup>. Portanto, procura-se relacionar, neste primeiro capítulo, uma parte considerável da história política norte-americana, tendo em vista as crises econômicas, a ascensão do neoliberalismo e os realinhamentos ideológicos, verificados sobretudo a partir dos anos 1970.

A perspectiva traçada neste primeiro capítulo procura estabelecer relação entre as questões econômicas, do ponto de vista global e nacional (nos Estados Unidos), com as questões de ordem política, interna e externa.

#### 1.1 Crise na economia e Neoliberalismo

Nos anos 1970, a economia norte-americana passou a sofrer fortes abalos: aos *déficits* orçamentários e comerciais (causados em parte pelas despesas militares forçadas pela Guerra do Vietnã), somaram-se a redução das taxas de lucro que o país vinha experimentando desde o período pós-guerra, isto ocorreu devido ao fato de que:

---

<sup>3</sup> Paul Virillo (1996) reflete sobre a experiência acelerada do tempo no mundo contemporâneo. As eleições norte-americanas de 2016 foram marcadas pela interferência da informação das redes sociais e da disseminação de notícias pelos meios digitais. A velocidade com a qual as informações são veiculadas impede, muitas vezes, uma visão sobre a duração, sobre o contexto mais amplo de soluções. No tempo presente, as informações e os fatos contemporâneos são tratados de forma bastante apressada e pouco aprofundada. Os jornalistas (os pensadores que mais se debruçam sobre fatos do presente) abordam os acontecimentos de uma forma acelerada haja vista que as “notícias” vão surgindo a cada minuto e a novidade de ontem já não tem tanta importância quanto o fato ocorrido hoje. Assim, julga-se necessário analisar os fatos recentes à luz de uma perspectiva histórica para melhor situá-la no tempo e no espaço.

O capitalismo fundamentado em indústrias motrizes, como os automóveis e outros bens de consumo duráveis, encontra seus limites por razões como a rigidez produzida pela exigência político-ideológica de garantir pleno emprego e conceder aumentos salariais reais continuamente. Isso conduzia ao declínio da taxa de crescimento e, logo, de lucros. (VIZENTINI, 1999. p. 16).

Não bastasse a queda da taxa de lucros e os *déficits*, a economia norte-americana sofreu um novo revés em 1973. Naquele ano, a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), anunciou o aumento do barril de petróleo. O resultado foi um novo choque contra a já combalida economia norte-americana, que viu-se diante da “imposição do racionamento do petróleo e pressões inflacionárias” (ARBEX, JR, 1994, p.64). Assim, ao acelerarem-se os problemas da economia norte-americana, a crise do petróleo também mostraria sua fragilidade no quadro da economia mundial: “os anos 70 testemunharam o colapso final do edifício do sistema financeiro mundial construído após a Segunda Guerra” (ARBEX, JR, 1994, p.64). Em face deste cenário, considerado crítico, os detentores do capital nos países desenvolvidos empreenderam uma verdadeira contraofensiva com o objetivo de “reinventar” a economia capitalista recuperando os lucros e minimizando os efeitos da crise econômica:

O primeiro ponto a ser atacado foi a própria organização do trabalho, fator imprescindível para a compreensão da reorganização do capitalismo em escala mundial. A resistência dos operários aos métodos de trabalho taylorista e fordista (...), os aumentos reais de salário (...), ao lado de outros fatores, limitaram o crescimento da produtividade do trabalho e ocasionaram uma progressiva queda da taxa de lucros e da mais valia. A introdução do trabalho temporário, das técnicas de “relações humanas” e das equipes de trabalho por tarefa produziram resultados limitados. O capital elaborou então, estratégias mais amplas para responder à queda da taxa de lucro: a inflação, a ofensiva para reduzir salários e a utilização mais intensa de trabalhadores provenientes de países do Terceiro Mundo nos países de capitalismo avançado. (VIZENTINI, 1999, p.21,22).

A utilização de trabalhadores provenientes de países do chamado “Terceiro Mundo” foi largamente utilizada pelos EUA, que passou a explorar a força de trabalho imigrante. Porém, quando se deu a “diminuição das vantagens relativas da força de trabalho estrangeira” (VIZENTINI, 1999.p.21), os países desenvolvidos passaram a transferir as empresas que faziam amplo uso de mão de obra para a países periféricos. Esta era uma das medidas adotadas pela nova estratégia capitalista. A redução dos custos de mão de obra e matéria prima objetivava também elevar o emprego de tecnologia com o objetivo de aumentar a produtividade com baixos custos. Tais práticas econômicas viriam a constituir um dos embasamentos da chamada “Revolução

científico-tecnológica”<sup>4</sup>, fenômeno que se tornou um dos instrumentos primordiais da globalização<sup>5</sup>. Se faz mister lembrar ainda que, a partir de então:

[...], os centros capitalistas trataram de impulsionar a chamada Revolução Científico- tecnológica, principalmente nas áreas de informática, comunicação, biotecnologia, robótica, supercondutores, etc. O desenvolvimento tecnológico passou a ser obtido através da pesquisa científica intensiva e previamente planejada, sendo imediatamente empregada na economia, deixando de ser um resultado decorrente da evolução da produção. Através da informatização, automação e robotização, a RCT desencadeia uma mudança estrutural na produção. (VIZENTINI, 1999, p.22).

Esta “mudança estrutural da produção”, impulsionou um processo que visou sobretudo estimular a “concorrência em busca de maior competitividade e de mercados consumidores” (VIZENTINI, 1999, p.23). Com isso, tem-se o desenvolvimento do fenômeno da globalização, com a aceleração de exportações de indústrias para países periféricos. O resultado desta “Revolução Científico- tecnológica” e o subsequente processo de globalização foi que:

Os países desenvolvidos tornaram-se, em grande parte, sociedades pós-industriais, concentrando-se progressivamente em novos segmentos de tecnologia avançada e alta lucratividade, além de centros financeiros. O primeiro resultado é o crescimento do desemprego, pois a terceirização da economia e o desenvolvimento de novos setores de tecnologia ultrassofisticada são insuficientes para absorver os operários demitidos. Em volta do atlântico norte, milhões de trabalhadores encontravam-se sem emprego. (VIZENTINI, 1999, p.25).

Em meio à crise dos anos 70 e as mudanças econômicas embasadas na “Revolução Científico- tecnológica”, ressurgiu a ideia de liberalismo econômico. Os

---

<sup>4</sup> A “Revolução Científico tecnológica” também foi denominada como “era pós-industrial”, tendo em vista o advento da informática. As denominações são problemáticas e já receberam muitas críticas de estudiosos do período que também foi denominado de “pós-moderno”. Sobre isso ver: LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. HARVEY, Davis. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992. JAMESON, Fredric. **Espaço e imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1994.

<sup>5</sup> Uma definição única e inequívoca de globalização é problemática, o que se pode dizer é que a difusão do termo globalização ocorreu por meio da imprensa financeira internacional, em meados dos anos 1980 e fins dos 1970. Depois disso, muitos pesquisadores dedicaram-se ao tema, associando a difusão de novas tecnologias na área da comunicação, como satélites artificiais, redes de fibras óticas que interligam pessoas por meio de computadores e que permitiram acelerar a circulação de informações e de fluxos financeiros. A globalização vem sendo discutida, segundo as categorias de tempo/espaço, no âmbito do sistema-mundo, à luz dos conceitos de nação, mercado mundial e lugar. Entram no debate e na crítica, a ideia de “cidadão global” inserida no universo do consumo que se afasta da concepção de cidadania. Diferente do que afirmam alguns pesquisadores, que acreditam no estabelecimento de uma homogeneização da cultura, do sistema de valores, a partir da globalização, Milton Santos (1996) concebe que “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local considerando dialeticamente”. Sobre isso ver: SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996, p. 273 e ainda, RIBEIRO, Wagner Costa. A quem interessa a globalização. **Revista ADUSP**, 1995, nº 2, p. 18- 21.

então intitulados neoliberais ganham espaço justamente em um momento em que o sistema keynesiano<sup>6</sup> (que nos EUA havia imperado pelo menos desde os anos 1930) entrava em crise, sendo que os teóricos do livre mercado apresentam sua teoria econômica como uma resposta a este sistema. De forma sucinta, pode-se afirmar que:

As ideias neoliberais de economistas como Hayek e de determinados círculos empresariais e pouco teóricos começaram a ganhar audiência nos anos 70, quando a crise do modelo econômico do pós-guerra introduziu uma prolongada recessão, que combinava modestos índices de crescimento com inflação elevada. Para eles, a crise seria decorrente dos aumentos salariais e dos gastos sociais do estado, e a solução seria reduzir o tamanho e as funções deste, o qual deveria concentrar-se, sobretudo, na estabilidade monetária. Esta política foi perseguida através da limitação da emissão monetária, do aumento da taxa de juros, da redução de impostos para os rendimentos mais elevados e dos gastos sociais, da privatização facilitada das empresas públicas e, *last but not the least*, da liberalização dos controles financeiros e comerciais internos e externos. (VIZENTINI, 1999, p.28).

As posições teóricas de análise do fenômeno do neoliberalismo durante o século XX comportam diferentes perspectivas. Se para Vizontini (1999), os principais objetivos do neoliberalismo estariam alicerçados mais fortemente na redução dos gastos sociais do Estado, para Magnoli (1995), o neoliberalismo não buscava o fim da intervenção estatal, mas que fosse interrompida tão somente a imposição de restrições ao capital:

Essa imagem configurava muito mais um disfarce das teorias econômicas em ascensão do que uma realidade. Efetivamente, o que o neoliberalismo buscava não era o fim da interferência do Estado na economia, mas uma *mudança de rota* dessa interferência. O Estado deveria parar de opor restrições ao capital, defendendo direitos e leis sociais, e subsidiar e estimular os processos de oligopolização e os investimentos em pesquisa e desenvolvimento nos setores de tecnologia de ponta. (MAGNOLI, 1995, p.154).

Desta forma, o neoliberalismo viria a se configurar em um complemento, uma estratégia ideológica a favor da Revolução Científico-Tecnológica então em ascensão. As crises econômicas e o cenário dos anos 1970, com o advento da informática, permitiram aos países desenvolvidos tornarem-se “ sociedades pós-industriais”, o que favoreceu, em termos concretos, o incremento do discurso e dos alinhamentos entorno da ideia de globalização e dos porta-vozes do neoliberalismo, que apresentavam uma resposta à crise vivida por estes países nos anos 1970.

---

<sup>6</sup> Teoria econômica difundida na primeira metade do século XX pelo economista britânico John Maynard Keynes. Defendia a intervenção estatal na economia para garantir, entre outras coisas, o pleno emprego na sociedade. Sobre isso ver: HUNT, E.K; LAUTZENHEISER, Mark. **História econômica: uma perspectiva crítica**. 3ª ed. São Paulo: ELSEVIER – Campus, 2005.

Se no âmbito econômico os Estados Unidos dos anos 1970 passaram por um profundo processo de mudança e crises, na arena política a situação não foi muito diferente.

## 1.2 Contraofensiva conservadora: o pleito de 1980 e o advento da “Nova Direita”

Foi no fim dos anos 1970 que uma “nova direita” surgiu e lançou um projeto contundente para “restabelecer a autoridade social” (PURDY, p. 255). Na verdade, esta nova direita já vinha se articulando desde os fins dos anos 1960. Em 1968, por exemplo, elegeram o republicano Richard Nixon, o candidato que prometia “Lei e Ordem” para a sociedade norte-americana:

Apostando no ressentimento daqueles que Nixon depois chamou de “maioria silenciosa”, sua mensagem de lei e ordem repercutiu entre os eleitores brancos, assustados com as rebeliões dos guetos, os distúrbios nas universidades e o aumento da criminalidade, e ele conseguiu com dificuldade a vitória por uma estreita margem de votos. (STONE, 2015 p. 244).

A renúncia de Nixon se daria no seu segundo mandato, em 1974<sup>7</sup>. Um ano antes, os Estados Unidos haviam se retirado do Vietnã diante da impossibilidade já concreta de vencer o conflito<sup>8</sup>. Este duplo “choque” para a sociedade norte americana, deu um grande impulso a nova direita americana. Este grupo, que havia eleito Richard Nixon sob a promessa de que este traria lei e ordem sentiu-se traído pelo presidente que renunciara e não se via representado pelo seu sucessor, o deputado Gerald Ford:

Essa florescente rede de direita enxergava pouca utilidade em um moderado como Gerald Ford e ansiava colocar um direitista de verdade como Ronald Reagan, ex-governador da Califórnia, na Casa Branca. Curvando-se á pressão, Ford e Donald Rumsfeld, jovem congressista que adquiriu renome atacando os soviéticos na década de 1960, executaram uma importante reformulação ministerial conhecida como o “ Massacre de Halloween”, em outubro de 1975. Rumnsfeld, a quem Nixon chamara de “ o pequeno desgraçado sem escrúpulos”, assumiu o Departamento de Defesa. [...]. Em

---

<sup>7</sup> No pleito presidencial de 1972, Nixon enfrentou nas urnas o democrata George McGovern, liberal que liderou uma campanha considerada por muitos demasiadamente esquerdista. No decorrer da campanha McGovern enfrentou problemas com o afastamento do candidato a vice de sua chapa (acusado de ter tido problemas psicológicos no passado) e da baixa adesão de seu próprio partido que o via muito a esquerda no espectro político. Nesta época, o rock como causa social nasceu como protesto e algumas canções e grupos deste gênero musical ganharam status de ícones. “ Masters of war” de Bob Dylan e “ Strawberry fields forever” dos Beatles destacaram-se nesse cenário. Sobre isso ver: FRIEDLANDER, Paul. **Rock and roll: uma história social**. 4ª ed. Rio de Janeiro. Record, 2006.

<sup>8</sup> A Guerra do Vietnã foi um conflito iniciado em 1954 na então Indochina quando os franceses abandonaram esta colônia que lhes pertencia. Para garantir que o país não entrasse na órbita comunista, os Estados unidos intervieram através de uma guerra não declarada no país. Nos anos 1970 a guerra foi finalmente vencida pelos soldados do Vietnã do Norte.

1976, o vice-presidente Nelson Rockefeller, relativo moderado, foi forçado a deixar de ser o companheiro de chapa de Ford. (STONE, 2015, p.264,265).

Em meio a este cenário de permanência das mudanças dos anos 1960 e recrudescimento da direita, deu-se a eleição presidencial de 1976. Naquele ano, o presidente Ford concorreu a eleição pelo Partido Republicano, embora acossado pela ala ultradireitista do partido, que apoiava a indicação do governador Ronald Reagan. Do lado democrata, o ex-governador da Geórgia, Jimmy Carter, foi aclamado candidato. Carter venceu o pleito após uma campanha onde “as alternativas dos eleitores pareciam ser entre um candidato que não conseguia livrar-se da reputação de “trapalhão” político e outro que explorava muito o fato de não ser absolutamente político” (SELLERS,1990, p.435).

Em 1980, quando Carter chegou ao fim de seu primeiro mandato, o estado de espírito da nação norte-americana não podia ser mais desanimador: os soviéticos, um ano antes, haviam invadido o Afeganistão, ao mesmo tempo em que viam com satisfação o advento de movimentos socialistas vitoriosos na Nicarágua e em Granada. O boicote do presidente Carter às Olimpíadas de Moscou em 1980 e seu embargo comercial às exportações de cereais da URSS em nada ajudaram a conter a sensação na sociedade norte-americana, de que eles estavam perdendo a dianteira na Guerra Fria com relação a União Soviética. Uma percepção de “derrota” explicaria o recrudescimento do sentimento anticomunista no período. Ainda na política externa (e para aprofundar o quadro de desânimo e crise), o fiel aliado dos Estados Unidos no Irã, o Xá (rei), Reza Pahlevi foi deposto por uma revolução encampada pelo líder muçulmano Ruholla Khomeini, antiamericano ferrenho que se referia aos EUA como o “grande satã”. Logo após a Revolução (em 1979), um grupo de militantes iranianos invadiu a embaixada americana em Teerã fazendo 65 reféns. Nos dias que se seguiram, os EUA sofreram uma série de humilhações por parte dos iranianos, como o episódio em que um grupo de jovens carrega o lixo da embaixada na bandeira norte americana. A reação do presidente Carter à crise foi tida como pífia, além de pressões econômicas, ele tentou uma operação de resgate, a “Blue Light”<sup>9</sup>, que redundou em um completo fracasso.

---

<sup>9</sup> Operação militar ordenada pelo presidente Carter na noite de 25 de abril de 1980, cujo objetivo era resgatar os reféns norte-americanos no Irã. Pegos de surpresa em uma tempestade de areia já em território iraniano, alguns dos oito aviões utilizados na operação foram derrubados resultando na morte de seis soldados norte-americanos e na permanência do cativo dos reféns estadunidenses em poder dos iranianos.

Se em política externa a situação era difícil, na política doméstica não foi muito diferente, os Estados Unidos amarguravam no período altos índices de inflação e desemprego, e as feridas do escândalo de Watergate e da derrota norte-americana no Vietnã ainda permaneciam abertas. Este foi o cenário dos Estados Unidos de 1980. Naquele ano (onde ocorreria nova eleição presidencial), Carter concorreu à reeleição, a despeito da impopularidade de sua presidência. No Partido Republicano, candidatos tradicionais da legenda como o ex-deputado George H.W. Bush sofreram sucessivas derrotas para um velho conhecido da direita norte-americana, o ex-governador Ronald W. Reagan que aglutinou as correntes direitistas mais expressivas que ganharam impulso nas últimas décadas nos Estados Unidos tornando-se candidato e expressão máxima da dita “Nova Direita”, norte americana:

A “nova direita” refere-se a um conjunto de correntes políticas, intelectuais, religiosas e culturais, que surgiu nos anos 1950 e 1960 de várias fontes: eleitores brancos dos subúrbios preocupados com os impostos e os valores de suas propriedades, o término forçado da segregação racial e os “excessos” dos movimentos sociais dos anos 1960; intelectuais urbanos neoconservadores preocupados com a intromissão do Estado na economia e o declínio do respeito à autoridade; religiosos, em grande parte cristãos evangélicos, contrários aos novos valores sexuais e morais que emergiram dos anos 1960; e pessoas que compartilhavam várias dessas feições. Desde os anos 1950, esses grupos defenderam políticas de “lei e ordem”, a autonomia local, cortes na previdência social, a inviolabilidade da propriedade privada e a economia livre – ideais frequentemente relacionados a preocupações raciais, isto é, opondo-se à luta dos negros por direitos civis e econômicos. Formaram a base de apoio para vários governos estaduais e municipais nos anos 1960 e 1970, como o do governador Ronald Reagan, na Califórnia, e de George Wallace, no Alabama, bem como desafiaram as máquinas federais eleitorais dos partidos Republicano e Democrata, tentando quebrar o consenso liberal do *New Deal*. Consolidaram-se na década de 1980 com a eleição de Reagan e de Bush Sr., bem como com a extensão da sua influência na mídia, na vida intelectual e na cultura pop. (PURDY, 2007, p. 268, 269).

Amparado por esta ampla coalizão conservadora que uniu-se entorno de sua campanha, e com um discurso otimista, apresentando soluções simples para os graves problemas pelos quais os Estados Unidos passavam, Ronald Reagan tornou-se o 40º presidente norte americano, “fora eleito, aparentemente assim acreditava, para repelir a ameaça soviética e dismantelar o estado de bem-estar social. ” (SELLERS, 2007, p.439).



### 1.3 Os anos 1980: de Reagan a Bush

Em 1984, Reagan reelegeu-se facilmente levando para a disputa presidencial pautas conservadoras como o aborto, a admissibilidade de oração nas escolas e incentivos a religião. Em seu segundo mandato, o presidente teve no apoio aos Contras da Nicarágua<sup>10</sup> e a guerrilhas e governos anti-esquerdistas, sua principal marca, assistindo os primeiros sinais de derrocada da URSS.

A eleição presidencial de 1988, por sua vez, pôs em questão o futuro do reaganismo. De um lado, o candidato do seu partido, George H. W. Bush, não empolgava os eleitores e, embora fosse um candidato que apresentava-se como legatário da herança de Reagan (um presidente que deixava o poder com altos índices de popularidade), não aparentava ter um projeto claro para a nação. A solução que Bush encontrou para sobressair-se nas pesquisas e conquistar a Casa Branca, foi atacar seu adversário, o democrata Michael Dukakis que mostrava bons desempenhos nas pesquisas de opinião. Em face de sua desvantagem eleitoral, Bush desfechou uma agressiva campanha contra o adversário, veiculando em anúncios de tevê “denúncias” contra políticas “perigosas” de Dukakis enquanto este esteve à frente do governo do estado de Massachussets. O ápice desta campanha difamatória se deu com o caso Willie Horton<sup>11</sup>.

Bush venceu a eleição e seu triunfo permitiu uma “extensão” da era Reagan uma vez que a gestão do novo presidente manteve praticamente inalterados os princípios básicos da política reaganista: o liberalismo econômico e o conservadorismo social e político. Durante o mandato do sucessor de Reagan, os Estados Unidos invadiram o Panamá, lideraram uma coalizão contra o Iraque na Guerra do Golfo<sup>12</sup> de 1991 e ocuparam a Somália em 1992. Apesar desta política externa truculenta, na era Bush os

---

<sup>10</sup> Nome dado aos guerrilheiros que opunham-se ao governo sandinista instalado na Nicarágua após 1979. Por ser a principal força de oposição ao regime nicaraguense, o grupo dos Contras foi maciçamente apoiado pelos Estados Unidos, cujo presidente à época, Ronald Reagan, os qualificou como “equivalentes morais dos pais fundadores”.

<sup>11</sup> Horton foi um detento do estado de Massachussets que fora agraciado por um programa do governador Dukakis que permitia que os presidiários passassem os fins de semana fora da prisão, aproveitou sua saída para sequestrar um casal, esfaquear o homem e estuprar a mulher. Explorando a “fraqueza” do candidato democrata com o crime, Bush superou os 17 pontos que o separavam de Dukakis e conquistou a Casa Branca, dando continuidade ao reinado conservador iniciado por Reagan em 1980.

<sup>12</sup> Conflito liderado pelos Estados Unidos que conduziram uma coalização (apoiada pela ONU), contra o Iraque do ditador Saddam Hussein. Saddam havia invadido o vizinho Kuwait em agosto de 1990 e os EUA, para assegurar seus interesses geoeconômicos na região, intervieram no Iraque em janeiro de 1991 libertando o país do domínio de Saddam Hussein.

Estados Unidos passaram a reconfigurar sua política externa, ao menos para a América Latina.

À nova realidade pós ditaduras militares e pós-guerra fria, somou-se o aceleração da revolução Científico tecnológica e do processo de Globalização, bem como a “competição econômico-tecnológica entre os países desenvolvidos e a formação de blocos econômicos” (VIZENTINI, p. 100). Em face deste novo cenário internacional, os Estados Unidos passaram a investir na construção de blocos econômicos no continente norte-americano, em detrimento da intervenção para a instituição de ditaduras de direita anticomunistas. A primeira razão (e a mais óbvia) é que, com o fim da guerra fria e do “fantasma” do comunismo, tais formas de intervenção tornaram-se obsoletas. Assim, a criação de blocos supranacionais visava não só constituir-se em uma nova forma de manter a influência dos Estados Unidos na América, como também configurou-se em uma solução para os problemas enfrentados pela nova realidade econômica, cujo padrão sustentava-se cada vez mais pelo consumo de mercadorias importadas e pelo endividamento.

Das intenções de integração econômica do Presidente Bush, se desenvolveram, no decorrer dos anos 1990, blocos como o NAFTA (Acordo de Livre Comércio da América do Norte) e a ALCA (Área de Livre Comércio das Américas). Ainda no plano externo, Bush assistiu a agonia do Império Soviético, que finalmente desmoronou em 1991, deixando os Estados Unidos sem seu principal inimigo externo:

Encerrava-se a era do segundo pós-guerra e iniciava-se um outro período histórico, que o Presidente Bush denominou, no encontro de Malta, de “Nova Ordem Mundial”, anunciada como uma era de paz, prosperidade e democracia. O processo de globalização e seus efeitos não se deteve; ao contrário, avançou ainda com maior velocidade, apesar de Francis Fukuyama haver então anunciado “o fim da história”. (VIZENTINI, 1999, p. 127).

Preocupado com a projeção dos Estados Unidos no pós-guerra fria e com a liderança norte americana na “Nova Ordem Mundial”, o Presidente Bush acabou dando menos atenção á política interna do que deveria. No ano eleitoral de 1992, este aparente descaso com a política doméstica do país custaria a extensão do mandato do presidente.

#### **1.4 O pleito de 1992 e a consolidação do “neoliberalismo progressista”**

A despeito da posição geopolítica privilegiada que os Estados Unidos experimentavam no início dos anos 1990, no ano eleitoral de 1992 a situação interna do

país não era das mais favoráveis, a economia encontrava-se em recessão com aproximadamente 10 milhões de desempregados e um déficit de 350 bilhões de dólares. Em um país que havia sido governado por doze anos pela dupla Reagan-Bush, a desigualdade era gritante, as políticas neoliberais favoreceram enormemente as camadas mais abastadas da sociedade, enquanto as classes média e baixa viram seus empregos e rendimentos diminuírem. O ataque frontal a benefícios sociais característico dos doze anos de governos republicanos, atingiram de forma significativa a população negra, o que acentuou as sempre tensas relações raciais no país, sendo que a expressão máxima destas tensões se deu justamente no ano eleitoral de 1992 quando um grupo de policiais brancos foi absolvido por ter agredido brutalmente um motorista negro, o que gerou uma onda de violência no país<sup>13</sup>. Diante das dificuldades enfrentadas pela nação não foi difícil para o democrata Bill Clinton derrotar o presidente Bush que:

[...] perdeu as eleições porque a crise econômica atingiu em cheio a classe média. Os mesmos que, historicamente, aplaudiam o morticínio no Iraque, não podiam suportar a ideia de que os empregos estavam cada vez mais escassos, os salários mais baixos e o *american dream* cada vez mais longe, como uma miragem do passado projetada para um futuro distante. Em 1991, 70% dos investimentos do governo federal beneficiavam camada de 1% da população composta pelos mais ricos. Como na grande Depressão, a classe média branca começava a sentir a crise. (ARBEX, Jr,1994, p.93).

Uma vez empossado, Clinton quebrou o centrismo no qual fora eleito e tentou governar como um “democrata à antiga”, propondo iniciativas que visavam a integração de gays nas Forças Armadas e um projeto de saúde pública que viria a concretizar-se somente na gestão de Barack Obama, anos depois. Diante desta agenda progressista, setores conservadores da sociedade norte-americana deram maciça maioria aos republicanos nas eleições legislativas de 1994<sup>14</sup>.

Clinton percebeu na ocasião que medidas liberais num país que ainda estava regido pelos princípios reaganistas, era um suicídio político, a partir de então, o

---

<sup>13</sup> Estes distúrbios raciais acabaram por desnudar a “outra América” da era Reagan – Bush, justamente no momento em que o último insistia em apontar o sucesso dos doze anos de governos republicanos. Fugindo dos temas econômicos (nos quais não tinha resultados expressivos a apresentar), e focando em temas morais e externos, o então candidato Bush foi duramente criticado pelo seu principal adversário, o democrata Bill Clinton, cuja campanha cunhou a célebre frase “É a economia estúpido!”, para chamar a atenção para a principal preocupação dos norte-americanos naquele pleito: a situação econômica.

<sup>14</sup> Nas eleições legislativas daquele o Partido de Clinton perdeu maioria na Câmara dos Deputados e no Senado garantindo maioria republicana no Congresso pela primeira vez em quarenta anos. Tal derrota para o presidente impossibilitou a continuidade de uma agenda progressista. Sobre isso ver: *Veja*. O eleitor vira fera. São Paulo, 16 nov. 1994. Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/33172?page=48&section=1>>. Acessado em: 21. Nov. 2017.

presidente, aliando sua afinidade ideológica com o campo progressista á realidade econômica herdada de seus antecessores, promoveu uma política econômica que fora recentemente denominada de “neoliberalismo progressista”<sup>15</sup>. Implementado a partir das políticas do presidente Clinton, este “neoliberalismo” promoveu a aliança entre setores “progressistas” da sociedade (como o movimento LGBT, o feminista e antirracista) e segmentos ligados ao capitalismo liberal como os bancos de Wall Street e o Vale do Silício com os primeiros “ justificando” as políticas dos segundos. A partir de então, o discurso de aceitação da diversidade e do multiculturalismo, por exemplo, passaria a ser ligado as medidas meritocráticas de cunho liberal que supostamente visariam a emancipação de tais grupos “oprimidos” na sociedade. Não demorou para que o americano médio passasse a relacionar as suas dificuldades socioeconômicas (oriundas do neoliberalismo) à ascensão das minorias. Como exemplo das políticas desenvolvidas neste período (que tiveram impacto direto na vida do americano médio), podemos mencionar a extinção do “programa *Aid to Families with Dependent Children* [ajuda às famílias com filhos dependentes], que ajudava famílias pobres desde a grande Depressão” (STONE,2015, p.311). Cabe destacar ainda que:

[...] os cortes da previdência social feitos por Clinton, nos anos 1990, foram mais drásticos do que aqueles promovidos pelos governos republicanos. Em 1994, Clinton declarou que “a era do governo grande acabou”, não obstante a existência de uma enorme dívida do governo federal, no ano 2000, devido a crescentes gastos militares e à queda na arrecadação por conta da redução de impostos. (PURDY,2007, p.258)

Desta forma, pode-se afirmar que Clinton, embora tenha sido eleito como uma promessa de “renovação”, acabou consolidando a agenda conservadora dos governos republicanos, aprofundando a redução dos investimentos federais na área social e acelerando o processo de globalização, ao mesmo tempo em que acenava para as minorias com um discurso inclusivo e legitimava a consolidação da agenda neoliberal

---

<sup>15</sup> Buscando explicar as transformações socioeconômicas que influenciaram o resultado das eleições presidenciais de 2016, a filósofa norte-americana, Nancy Fraser cunhou o termo “neoliberalismo progressista” para referir-se a aliança entre a adoção de políticas de cunho neoliberal e o discurso “progressista” que veio acompanhado de tais políticas. O termo não está consolidado na historiografia e certamente há divergências quanto a seu uso. Adotou-se aqui este conceito por ser considerado uma possível explicação para a associação do neoliberalismo com o discurso progressista que imperou nos governos Bill Clinton, Barack Obama e, em menor escala, na administração Bush Jr. Sobre isso ver: FRASER, Nancy. **O fim do liberalismo progressista**. Disponível em: <<https://translate.google.com.br/translate?hl=ptBR&sl=en&u=http://www.bresserpereira.org.br/terceiros/2017/fevereiro/17.02-End-of-Progressive-Neoliberalism.pdf&prev=search>>. Acessado em: 20.out.2017

No âmbito da política comercial, Clinton, outrora defensor de medidas protecionistas e contrário a integração por blocos econômicos supranacionais, aderiu a política de livre comércio e integração econômica defendida por seu antecessor. Em 1994, na Cúpula de Miami, defendeu a implementação da “Iniciativa das Américas”, lançada pelo Presidente Bush em 1990. Esta iniciativa agora renomeada de ALCA (Área de Livre Comércio das Américas)<sup>16</sup>, proporcionaria aos Estados Unidos “contar com o suporte das economias do continente, numa fase em que sua produção encontra dificuldades para penetrar em mercados mais exigentes”. (VIZENTINI,1999, p.137) Dentro desta lógica, consolidou-se também o NAFTA (Acordo de Livre Comércio da América do Norte), bloco econômico supranacional composto por Estados Unidos, México e Canadá, que pretendia-se ser “o prelúdio de uma vasta zona econômica hemisférica liderada pelos Estados Unidos”. (MAGNOLI, p.155).

### **1.5 A eleição contestada de 2000 e a Era Bush Jr.**

No ano de 2000, os norte-americanos voltaram às urnas. Naquele ano, dar-se-ia a escolha do sucessor do presidente Clinton. Valendo-se da prosperidade legada pelo presidente, os democratas indicaram o vice-presidente Al Gore, político vinculado ao campo progressista e com notável experiência política. O Partido Republicano, por sua vez, aclamou o governador texano George W. Bush, filho do ex-presidente George H. W. Bush, o candidato do partido. Bush apresentava-se como um “conservador centrista”, crítico do “declínio moral” da Era Clinton e adepto de um “conservadorismo com compaixão” (Pecequillo,2005), uma abordagem conservadora mais “suave” e palatável ao eleitorado norte-americano desacostumado ao conservadorismo “puro” dos anos Reagan. Apesar de ter perdido a corrida à Casa Branca para George W. Bush, a derrota de Al Gore se deu em circunstâncias atípicas na vida política norte americana, isto porque:

[..], o republicano George W. Bush foi eleito presidente dos EUA, num pleito marcado por irregularidades quanto a contagem de votos na Flórida. Apesar de o Democrata Gore haver vencido nos votos populares, o colégio eleitoral teve maioria republicana e elegeu Bush, evidenciando as distorções da democracia americana. (VIZENTINI, 1999, p. 171).

---

<sup>16</sup> A ALCA sofreria falta de adesão dos países latino-americanos e acabaria por não entrar em vigor, sendo que apenas o NAFTA (que passou a vigorar a partir de janeiro de 1994) teve êxito enquanto bloco econômico.

Cabe destacar que a recontagem dos votos do estado da Flórida (que poderia ter dado a vitória a Gore), foi interrompida a pedido da Suprema Corte, cujos juízes em sua maioria foram indicados pelo pai de Bush enquanto este fora presidente e seu “padrinho” político, Ronald Reagan, o que suscitou críticas a “imparcialidade” da mais alta instância jurídica norte americana. Assim, Bush Jr. acabou sendo eleito sem um mandato claro.

Eleito, Bush passou grande parte dos seus primeiros meses de governo de férias. Segundo levantamento do jornal *Washington Post*<sup>17</sup>, o presidente passou 42% do seu governo (de janeiro a setembro de 2001) em descanso. Apesar da “apatia” da nova administração norte-americana, um fato já chamava a atenção sobre a nova gestão: o unilateralismo e arrogância do novo governo, verificado em medidas como o abandono do Protocolo de Kyoto sobre aquecimento global, a retirada da Conferência da ONU sobre o racismo e a rejeição em submeter-se ao Tribunal Penal Internacional (VIZENTINI, 1999).

Este unilateralismo, atinge proporções perigosas após setembro de 2001. Naquele mês, mais precisamente na manhã do dia 11 “aviões de linhas aéreas domésticas americanas foram jogados contra as torres do World Trade Center, em Nova Iorque, e contra o Pentágono em Washington, enquanto um quarto avião, que provavelmente visava a Casa Branca, era abatido” (VIZENTINI, 1999, p. 171, 172). Este, que foi o maior atentado em território estadunidense, causou grande choque nos Estados Unidos e no mundo, desfazendo a ideia de “fim da história” defendida pelo historiador Francis Fukuyama, e lançando uma sombra de incertezas e insegurança no mundo.

Do ponto de vista político, a tragédia do 11 de setembro não só veio a dar um “sentido” a até então pacata administração Bush, como trouxe um pretexto para o presidente e sua cúpula neoconservadora desenvolverem seu projeto de nação que exigia “maiores gastos em defesa, dominação completa do espaço, implantação de um sistema de defesa de mísseis abrangente e a capacidade de ‘travar e ganhar decisivamente guerras múltiplas e simultâneas [...]’”. (STONE, 2015, p. 318)

A primeira destas guerras foi no Afeganistão. País que supostamente abrigava Osama Bin Laden e a Al Qaeda (que foram apontados como responsáveis pelo ataque de 11 de setembro), o Afeganistão começou a ser atacado em outubro de 2001 quando o presidente Bush declarou uma guerra contra o terror, anunciando que “quem não está

---

<sup>17</sup> Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/2001/aug/08/usa.sarahleft>>. Acessado em: 02.dez.2017

conosco está contra nós” (VIZENTINI, 1999). A esta política externa agressiva seguiram-se “medidas de segurança com gastos insuportáveis, cerceamento das liberdades civis e um reforço das atitudes belicistas e unilateralistas”. (VIZENTINI, 1999, p. 175).

A mais notória das ações unilaterais do governo Bush foi a invasão do Iraque, que começou a ser delineada na sequência da invasão do Afeganistão. Alegando que o ditador Saddam Hussein desenvolvia armas de destruição em massa (que jamais foram encontradas) e que possuía vínculos com a Al Qaeda (que igualmente jamais foram comprovados), o presidente conseguiu o aval do Congresso norte-americano para invadir a pátria do ditador Saddam Hussein. De nada adiantou a oposição de países europeus à intervenção estadunidense. A despeito da reprovação de países como França, Alemanha e Rússia ao ataque, o presidente, guiado pelos seus princípios neoconservadores de excepcionalismo norte-americano, deu início, em março de 2003, a longa, impopular e dispendiosa<sup>18</sup> Guerra do Iraque, que acabaria por depor Saddam Hussein ao mesmo tempo em que provocaria profunda instabilidade ao país, mergulhando-o em uma violenta guerra civil.

No seu segundo mandato (inaugurado com a catástrofe do furacão Katrina, que lhe trouxe profundo desgaste<sup>19</sup>), Bush viu a economia do país declinar e as perspectivas de êxito nas Guerras do Iraque e do Afeganistão cada vez mais distantes. Com a popularidade em queda, o presidente assistiu seu partido sofrer grande derrota nas eleições legislativas de 2006, o que indicava que as políticas do presidente já não eram vistas de forma positiva e tal insatisfação se estendia a sua legenda.

## **1.6 A eleição de 2008 e o Governo Obama**

No ano de 2008, os norte-americanos elegeriam o sucessor de Bush. O Partido Republicano, apossado pela impopularidade do presidente, lançou a candidatura do senador John McCain, “herdeiro” do pesado legado de Bush. Os democratas, após

---

<sup>18</sup> Em 2013 ela já havia custado US\$ 2 trilhões de dólares ao tesouro norte-americano segundo a Agência Terra. Disponível em: < <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/estados-unidos/guerra-no-iraque-custa-mais-de-us-2-trilhoes-aos-eua-mostra-estudo,4c04fd69c456d310VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>>. Acessado em: 08 de set. 2017.

<sup>19</sup> À época da catástrofe, Bush foi acusado de tê-la agravado ao aparentemente não atender as vítimas com a urgência necessária. Críticos mais ferinos atribuíram a “indiferença” do presidente para com as vítimas devido ao fato de a cidade atingida (Nova Orleans) ser de maioria negra. Posteriormente Bush viria a declarar que as acusações de racismo no episódio constituíram um dos períodos mais duros de sua presidência. O ex-presidente, no entanto, reconheceu a morosidade na ajuda às vítimas.

assistirem a renhida batalha entre o senador Barack Obama e a ex-primeira dama Hillary Clinton, que lutaram duramente pela indicação do Partido Democrata, acabaram escolhendo o jovem senador do Illinois.

Descendente de africanos, filho de mãe branca nativa dos Estados Unidos e pai negro natural do Quênia, Barack Hussein Obama trouxe uma mensagem de esperança e otimismo aos Estados Unidos e ao mundo. Seu lema “ Sim, nós podemos! ”, energizou as bases do Partido Democrata entusiasmando sobremaneira jovens e minorias, que abraçaram sua campanha como se o candidato fosse um messias que traria uma solução para todos os problemas da nação.

Eleito presidente, Barack Obama dedicou o capital político dos 100 primeiros dias de seu governo<sup>20</sup> para tentar atacar um dos problemas mais graves enfrentados pela sociedade norte-americana: a crise econômica:

A primeira grande medida tomada pela Administração Obama foi o plano de estímulo econômico, o Stimulus, de 787 mil milhões de dólares, quatro meses apenas após o chamado Plano Paulson<sup>29</sup>, que havia obrigado o governo federal a desembolsar a quantia de 700 mil milhões de dólares. No espaço de apenas quatro meses, o governo federal norte-americano desembolsara nada menos do que a exorbitante quantia de 1,487 bilhões de dólares, única maneira de salvar a debilitada economia americana. O plano Paulson fora criticado por muitos. O novo estímulo à economia americana era, para alguns americanos mais conservadores, a gota de água. (JERÓNIMO,2013, p.08,09).

Esta flagrante interferência do governo na economia (que já vinha sendo realizada pelo governo Bush), desencadeou uma onda de protestos em todo o país. Obama, que na época do pacote de estímulo já era rotulado de “socialista” por setores mais exaltados da direita, passou a ser duramente criticado por utilizar “dinheiro do contribuinte” para salvar da bancarrota bancos e corporações que, em certa medida, foram os responsáveis pela crise. O povo, alegavam os críticos do presidente, não tivera o mesmo amparo que os grandes bancos e companhias haviam tido. Desta onda de indignação que se desencadeou em oposição às medidas econômicas da nova administração, surge uma organização de viés direitista que logo se denominaria “*Tea Party*”:

---

<sup>20</sup> A tradição de avaliar os cem primeiros dias de governo nos EUA remonta ao governo de Franklin Roosevelt, que se gabava da sua capacidade de aprovar 15 projetos importantes depois de sua posse, em 1933, em meio à Grande Depressão. Desde então, nenhum presidente demonstrou tamanha atividade. O Globo. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/mundo/barack-obama-completa-cem-dias-de-governo-3117557>>. Acessado em: 25. Ago.2017



[...] um movimento que congrega mais de dois mil grupos locais e nacionais, unidos pelo lema «Governo limitado, responsabilidade orçamental e mercados livres». Ainda que possa ser caracterizado como populista, ideologicamente o Tea Party não seguiu a tradição dos populistas anteriores, que defendiam reformas sociais. Ainda assim, a ideologia do movimento é amorfa, refletindo aquilo que os seus membros nela queiram projetar. No entanto, conhecidos conservadores como Sarah Palin, Ted Cruz, Ron Paul, Rand Paul e Michele Bachmann são vistos como líderes mais expressivos deste movimento. (MICHAEL, 2016, p.26,27).

O movimento logo fundiu-se ao Partido Republicano, sendo a principal força política responsável pela derrota imposta ao presidente Obama nas eleições legislativas de 2010<sup>21</sup>. A crise econômica de 2008 e os sucessivos planos econômicos intervencionistas criaram um campo fértil para o recrudescimento do populismo, que materializou-se no *Tea Party* à direita do espectro político. À esquerda, o enriquecimento dos grandes bancos (que foram os principais favorecidos pelos pacotes de recuperação econômica), e o aprofundamento das diferenças sociais entre ricos e pobres favoreceu o surgimento do *Ocuppe Wall Street*, “um tipo de protesto não visto desde a década de 1930.” (STONE, 2015, p.338).

O surgimento destes dois movimentos antagônicos que representavam extremo opostos no espectro político norte-americano, denotam não apenas a divisão dos Estados Unidos sob o primeiro mandato de Obama, mas também um profundo sentimento de frustração e insatisfação. A crise de 2008 não só criou novos problemas (como o despejo de muitas famílias que tiveram a hipoteca de suas casas executada), como também acentuou as dificuldades que a sociedade norte-americana vinha enfrentando ao longo das últimas décadas, uma delas foi o processo de desindustrialização e consequente desemprego:

As indústrias pesadas já estavam muito enfraquecidas desde os anos 80, face à concorrência dos países em vias de desenvolvimento. Desde o final dos anos 90 era a indústria automóvel americana que começou a tremer. A partir de 2008, a situação tornou-se negra para os construtores automóveis americanos: despedimentos em massa na General Motors e na Ford; falência da Chrysler (...). A cidade de Detroit, apelidada de Paris americana, uma cidade extremamente rica entre os anos 20 e os anos 70 do século passado, é como que uma montra da falência não só das indústrias pesadas, bem como, da indústria automóvel. O colapso da cidade é visível, com vários bairros abandonados. Em relação a este aspecto pouca culpa tem o presidente Bush. A economia internacional apenas mudou, os meios de produção foram progressivamente deslocalizados dos EUA (bem como da Europa) para os países emergentes. A economia americana foi incapaz de se adaptar à mudança. (JERÓNIMO, 2013, p.10).

---

<sup>21</sup> Na ocasião o Partido Democrata sofreu uma de suas maiores derrotas em eleições legislativas ao perder o controle da Câmara e diminuir sua vantagem no Senado.

Desta forma, tanto o *Tea Party*, quanto o *Ocupe Wall Street* vem externar a frustração de uma sociedade cada vez mais insatisfeita com o presente e temerosa quanto ao futuro.

Em 2012, com uma economia recuperando-se lentamente, Obama conseguiu assegurar sua vitória contra o empresário do setor financeiro e ex-governador de Massachussets, Mitt Romney. O candidato republicano, teve dificuldades de conectar-se às bases de seu partido (sobretudo os segmentos de trabalhadores brancos), que o considerava moderado demais e o via com antipatia dada a sua ligação com o establishment político e financeiro. Seus gestos educados e gentis, bem como sua retórica mecânica e pouco inspiradora só contribuíram para um distanciamento do americano médio de sua candidatura<sup>22</sup>. O *Tea Party*, (que considerava Romney um RINO<sup>23</sup>) e ainda era uma força poderosa dentro do Partido Republicano, apoiou na campanha das primárias a indicação de conservadores “de verdade” como o populista Newt Gingrich ou o ultraconservador Rick Santorum. Apesar dos impulsos mais radicais das bases da legenda, à época a cúpula do Partido Republicano mantinha o controle do partido e aclamou a candidatura do moderado Romney, que apresentou-se na campanha como um gestor de sucesso que iria “concertar” a economia norte-americana. Quatro anos depois, sem Obama na disputa, outro “gestor” apresentaria seu nome a indicação republicana, ao contrário de Romney, ele não apresentou uma plataforma centrada e sua campanha, feita sob medida para energizar as bases do partido, reconduziria o GOP<sup>24</sup> à Casa Branca.

### **1.7 O Pleito de 2016 e o advento de Donald J. Trump**

Os Estados Unidos de 2016 eram um país dividido racialmente ( com os negros reivindicando condições de maior igualdade através de grupos como o *Black Lives Matter* e parte dos brancos cada vez mais aflita com as mudanças demográficas que logo os tornarão minoria em seu próprio país) e economicamente ( com os muito ricos beneficiando-se das políticas neoliberais que reduzem impostos e lhes garantia

---

<sup>22</sup> ESCOSTEGUY, Diego; Turrer, Rodrigo. **Eles vão com Romney?** Disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/tempo/noticia/2012/01/eles-va-com-romney.html>>. Acessado em: 29. Nov.2017.

<sup>23</sup> *Republican In Name Only*, apelido dado aos republicanos que não adotam postura convincentemente conservadora.

<sup>24</sup> *Greaty Old Party*, apelido com carga positiva devotado ao Partido Republicano.

incentivos fiscais ao passo que a classe média – sobretudo a branca- via seus empregos sumirem e seus rendimentos sendo achatados<sup>25</sup>).

A divisão também se deu no campo cultural. De um lado, grande parte da população era favorável ao multiculturalismo, ao recebimento de imigrantes de áreas sensíveis do globo, a trocas culturais, tolerância com minorias e a miscigenação. De outro, uma parcela assustada com as rápidas mudanças (demográficas e culturais), oferecia resistência a tolerar o outro, a aceitar o multiculturalismo e culturas diferentes da anglo-saxônica.

Esta polarização não poderia deixar de refletir-se na campanha presidencial de 2016. No campo democrata, a favorita do establishment e da cúpula do partido, Hillary Clinton, enfrentou muitas dificuldades para consolidar sua indicação dentro da legenda. Bernie Sanders, senador pelo estado de Vermont, declaradamente socialista, empolgou as bases do partido (sobretudo os jovens), com promessas de luta contra o establishment e uma distribuição de renda justa e igualitária. Sanders, de certa forma, é a personificação dos ideais do movimento *Ocupe Wall Street*, um representante da esquerda que tradicionalmente defende “reduzir a dimensão dos grandes bancos, combater a evasão fiscal das empresas multinacionais, evoluir para um sistema fiscal mais progressista e levar mais a sério a redução das emissões de carbono. ” (MICHAEL,2016, p.32). Ofereceu um sério risco á favorita Hillary Clinton, sobretudo por mostrar –se contrário ao sistema político-partidário do qual sua adversária era a representante. Ainda assim, Sanders teve dificuldades em conquistar setores decisivos das bases do Partido Democrata:

O seu apoio provem esmagadoramente de brancos liberais. Embora os afro-americanos e latinos ainda estejam atrás dos brancos nos índices de riqueza e rendimentos, a campanha «socialista democrática» de Sanders não ganhou muita força junto destes segmentos do eleitorado. Em consequência disso, Hillary Clinton, a sua rival do Partido Democrata, derrotou-o nos estados com uma grande percentagem de afro-americanos, principalmente no Sul. (MICHAEL 2016, p.32).

Este ‘cetisismo’ (Michael, 2016) da população afro-americana para com a campanha de Sanders foi fundamental para vitórias significativas de Hillary Clinton nas primárias, não só no Sul como também no nordeste do país, o que lhe assegurou a obtenção de números suficientes de delegados para garantir sua candidatura pelo

---

<sup>25</sup> As políticas neoliberais de redução de garantias sociais, somadas à automação, ao acelerado processo de globalização e a redução da demanda por produtos da indústria pesada foram fundamentais para este desalento econômico das classes média e baixa.

partido. Do lado do Partido Republicano, o candidato favorito no início da campanha era o moderado Jeb Bush:

O ex-governador da Flórida era uma ameaça de fato, ou assim era considerado por todos. Nos seis meses anteriores, ele arrecadara mais de 100 milhões de dólares em fundos de campanha, a maioria sob os cuidados de um enorme Comitê de Ação Política chamado Right to Rise USA [ Estados Unidos, direito de crescer], que esperava usar para intimidar e derrotar seus rivais. Sendo filho e irmão de ex-presidentes, ele carregava o segundo nome mais reverenciado da política republicana moderna, atrás apenas de Ronald Reagan. Embora ele tivesse atravessado uma temporada de equívocos e os eleitores parecessem cansados dos Bush, ainda era visto como favorito. (FISCHER, 2017, p. 309).

Um dia após o início da candidatura de Jeb Bush, o empresário do ramo imobiliário Donald Trump, também anunciou sua intenção de concorrer á presidência do país. “A entrada dele nessa disputa foi recebida com desprezo e desdém. Ele foi chamado de palhaço político. Mas Trump sentiu o que afligia e enfurecia muitos americanos e sabia falar a língua deles” (Fischer,2017, p.310). Seu discurso simples<sup>26</sup>, sua imagem de empresário de sucesso (negando ser um político), seu estilo “sem filtros” e principalmente suas propostas, foram bem aceitas por uma considerável parcela da população, cansada do crescimento econômico lento e desigual e dos efeitos negativos da globalização verificados nos últimos anos. Cabe aqui destacar o repúdio de muitos norte americanos ao “neoliberalismo progressista” inaugurado nos anos 1990 que marcou o cenário político-econômico estadunidense nas últimas décadas.

Assim, Trump beneficiou-se não somente das angústias dos operários vítimas dos efeitos de uma economia global, como também das insatisfações de gerentes, pequenos empresários, e aqueles que dependem da indústria do cinturão da ferrugem, bem como segmentos rurais acossados pelo desemprego. Para eles, os efeitos negativos da desindustrialização vieram acompanhados de provocações advindas do “moralismo progressista”, que os retrata como pessoas desprovidas de cultura. Assim, aqueles que sufragaram Trump o fizeram não só como uma resposta à globalização em si, mas também contra o “cosmopolitismo liberal” a ela vinculado (característico do “neoliberalismo progressista”. Para alguns foi fácil atribuir sua precariedade de vida a

---

<sup>26</sup> Comparado com os restantes candidatos às presidenciais norte-americanas e até com alguns antigos presidentes, Donald Trump só atinge o nível de discurso equivalente ao de uma criança no sétimo ano, enquanto no extremo oposto aparece o candidato democrata Bernie Sanders, com um nível de discurso para o décimo ano. O polêmico candidato republicano fica assim muito longe do Presidente Reagan, também republicano, que tem a melhor classificação nesta análise. Disponível em: <http://observador.pt/2016/03/18/donald-trump-um-nivel-gramatical-crianca-11-anos/>. Acessado em: 08. Jul.2017.

cultura do politicamente correto, latinos e imigrantes. Para eles, as feministas e Wall Street são faces da mesma moeda, ambos personificados na figura de Hillary Clinton.

Esta parcela da população (que em sua maioria é representada pela classe trabalhadora branca), apoiou incondicionalmente Trump, que não teve dificuldades em derrotar os 16 postulantes a indicação republicana que o enfrentaram nas primárias. O caminho para a coroação republicana, porém, foi extremamente difícil, isto por que o partido não queria Trump como candidato. Considerava-o radical demais e um convite á derrota nas eleições nacionais de novembro.

A repentina vantagem óbvia de Trump provocou uma poderosa reação contrária no partido republicano, liderada por Mitt Romney. Era inédito um antigo candidato do partido atacar o provável candidato seguinte, mas Romney repreendeu duramente o candidato, chamando Trump de “falso, uma fraude”, empresário falido que não sabia nada do mundo e não tinha o temperamento certo para a presidência. Romney encorajou os eleitores a fazer o que pudessem para derrotar Trump. (FISCHER,2017, p.323).

Romney não ficou sozinho na oposição a Trump. Grandes figuras da legenda, como o senador John McCain, a influente família Bush e alguns rivais nas prévias como o governador John Kasich recusaram apoiar o republicano que, a revelia do apoio da legenda, conseguiu o número suficiente de delegados para assegurar sua indicação. Assim, ao conquistar a indicação do partido para concorrer às eleições de novembro de 2016, Trump lança as bases de um sólido movimento, o trumpismo:

O trumpismo pode ser entendido como um movimento político difuso que ganhou força a partir de 2008, simbolizado por indivíduos às margens do sistema político estabelecido que ascendem com uma plataforma antiliberal, nacionalista, que mistura mercantilismo e populismo com um viés fortemente anti-imigração. (FISCHER,2017, p.15).

Assim, Trump e o movimento do qual ele é representante, nasceram das fendas do populismo de direita aberta pelo *Tea Party*. Trump quebra o movimento e cria uma base bem mais ampla que vai desde supremassistas brancos até cidadãos insatisfeitos com a situação econômica e/ou política da nação. Na campanha nacional (contra a democrata Hillary Clinton), Trump aprofunda seu projeto de “ Fazer a América Grande de Novo”. Para cada problema (real ou imaginário), ele apresenta uma solução. A criação de uma América “ Grande de Novo”, segundo ele:

Começa pela criação de milhões de bons empregos para americanos esforçados. O Economic Policy Institute estima que perdemos mais de 5 milhões desde 1997 por causa dos terríveis acordos comerciais que fizemos. Esses empregos vão voltar para casa. ” (TRUMP, 2015, p. 179).

Sobre a controversa reforma de saúde aprovada por Obama (e duramente criticada pelos republicanos), Trump defendeu que “O *Obamacare*<sup>27</sup> precisa ser repellido e substituído por um sistema sensato de atendimento à saúde, que crie um mercado competitivo que reduza custos e ao mesmo tempo atenda às necessidades médicas de todos os americanos”. (TRUMP, 2015, p.180). Quanto á imigração, tema central de sua campanha, o republicano advertiu que:

Deverá ser construído um muro ao longo de nossa fronteira meridional. Ele precisa de belas portas para colher os imigrantes LEGAIS, mas o fluxo de imigração deve acabar. E precisamos deter legalmente a pratica da cidadania por nascimento, pois a 14ª emenda jamais pretendeu criar uma via técnica para a cidadania. (TRUMP, 2017, p.179).

Hillary Clinton (que basicamente defendia propostas opostas as do adversário republicano, pregando aumento de impostos para os ricos, legalização da situação de ilegais e a manutenção do *Obamacare*), perdeu a eleição para o republicano de forma surpreendente. Às vésperas do pleito e 08 de novembro de 2016, praticamente todos os institutos de pesquisa apontavam vitória da democrata por larga vantagem. No entanto, na noite da contagem dos votos, a medida que os cédulas iam sendo contabilizadas (e os estados iam sendo coloridos de vermelho<sup>28</sup>), percebia-se que os institutos de pesquisa estavam errados, e Trump, o candidato que fora subestimado desde o momento em que anunciara sua candidatura, tornava-se o 45º presidente dos Estados Unidos<sup>29</sup>.

Muitos são os fatores que levaram à vitória do republicano. Sua estratégia de cooptar a classe trabalhadora branca foi bem-sucedida. Trump prometeu, entre outras coisas, trazer de volta empregos que haviam migrado para outros países, embora a automação e a redução do peso das indústrias no conjunto da economia americana tenham participação direta no aumento do desemprego. A proposta de Trump de desfazer acordos comerciais e impedir empresas de mandarem filiais para o exterior foi suficiente para conquistar um eleitorado ávido por soluções simples para problemas complexos.

Hillary Clinton, apoiada pela grande mídia e pelas elites políticas e econômicas, não entusiasmou as bases do partido fazendo com que muitos democratas literalmente

---

<sup>27</sup> Apelido depreciativo dado a Lei da Proteção do Paciente e do Cuidado Acessível, assinada pelo presidente Barak Obama em 23 de março de 2010.

<sup>28</sup> A cor do Partido Republicano.

<sup>29</sup> Hillary venceu no voto popular angariando 337.636 votos a mais do que Trump, no entanto, no Colégio Eleitoral (que é a instância que de fato escolhe o presidente) Trump obteve 324 dos delegados contra 227 de Hillary. Segundo a Constituição norte americana, o presidente é eleito ao conquistar 270 votos no Colégio.

não saíssem de casa para sufragá-la. Ao mesmo tempo, Trump, um empresário que dizia-se “apolítico”, um verdadeiro outsider na política, angariava o apoio de amplos setores da sociedade cansados da política e dos políticos tradicionais. As possíveis “causas” da vitória do republicano são muitas e não constituem o foco principal do presente trabalho, de qualquer forma se faz mister lembrar que:

a despeito das características individuais de Donald Trump, alegações rasas e adjetivas, veiculadas em parte da imprensa, de que sua eleição deve ser interpretada como uma mera questão de xenofobia ou ignorância, pouco contribuem para o debate. (FISCHER, 2017, p.16).

Ao contextualizar historicamente a eleição presidencial de 2016 e o advento de Trump, esperamos ter situado o momento histórico no tempo e no espaço, podendo, em capítulo mais a frente, analisar a forma de como a representação política de Trump se deu.

## Capítulo 2

### A REVISTA VEJA: A POLÍTICA ENTRE A FORMAÇÃO E A CONSOLIDAÇÃO NO MERCADO EDITORIAL

Este capítulo trata de examinar a trajetória de criação e consolidação da revista *Veja*, cujas edições constituem-se do *corpus* deste trabalho. Sendo a *Veja* o principal foco de análise do presente trabalho, se faz necessário conhecer o histórico da revista, sua fundação e consolidação no mercado editorial brasileiro, bem como as formas pelas quais a política foi retratada nas suas páginas. Assim, o presente trabalho traz em um primeiro plano um breve histórico de como a *Veja* surgiu e como se deu sua difícil consolidação como revista no mercado editorial brasileiro, para que, em um segundo momento seja possível estabelecer a análise e a interlocução entre alguns trabalhos acadêmicos produzidos tendo a revista como fonte e como foco principal.

Procurar por aspectos importantes da trajetória e consolidação da revista *Veja* ganha sentido neste trabalho de pesquisa sobretudo por propiciar um escopo de análise com relação às eleições norte-americanas de 2016 maior e mais amplo, perscrutando os traços da “biografia” da revista e de suas interlocuções com a época de sua criação e consolidação, fortemente alicerçada nos então “novos” padrões do modelo de jornalismo norte-americano.

Para tentar compor o histórico da revista *Veja*, evidentemente dentro dos limites e dos interesses deste trabalho de pesquisa, pesquisou-se nas edições comemorativas de 1968, 1978 (10 anos), 1988 (20 anos), 1998 (30 anos) e 2008 (40 anos), além de artigos e trabalhos de pesquisa acadêmicos que se detiveram ao estudo da revista *Veja*.

Na tentativa de relacionar os principais trabalhos que teriam *Veja* como objeto de estudo ou como fonte principal, destacam-se trabalhos de pesquisa produzidos no Brasil tendo como pano de fundo contextos nacionais e internacionais. Desde a questão do feminismo, de como as mulheres foram “retratadas” nas páginas da revista *Veja*; passando pelo modo como apareceram na revista determinadas “personalidades políticas”, até a contribuição de *Veja* para a consolidação de uma “imagem positiva” da ditadura civil-militar no Brasil, já que a trajetória da revista coincide com a ascensão do regime militar, sobretudo a partir de 1968.

Além disso, há trabalhos de pesquisa que se detiveram ao modo pelo qual *Veja* “retratou” pleitos eleitorais no Brasil, destacando-se os casos da representação de



Fernando Collor no pleito de 1989, Fernando Henrique Cardoso na eleição de 1994 e Luís Inácio Lula da Silva nos pleitos de 1989, 1994, 1998, 2002 e 2006. O pleito presidencial de 2010 também foi foco de análise. No plano internacional, vale salientar os trabalhos acadêmicos sobre as posições da revista sobre o conflito iraniano e suas relações com os Estados Unidos, bem como os estudos sobre o governo de George W. Bush e a eleição de Barack Obama em 2008.

## 2.1 A Revista *Veja*: fundação e consolidação

A trajetória da revista *Veja* iniciou-se nos anos 1960, época em que Roberto Civita<sup>30</sup> e seu pai, Victor Civita decidiram lançar no mercado editorial brasileiro uma revista de informação nos moldes da *Time*<sup>31</sup> americana. Cabe aqui destacar que naquele momento o Brasil passava a experimentar mudanças significativas na “forma de fazer” jornalismo. Se até os anos 1940 o que imperava no jornalismo brasileiro era um viés de cunho político-literário (calcado na linguagem literária e pelas ligações explícitas com o Estado e os políticos – para os quais atuava como porta voz), a partir da década de 1950 tais perspectivas passaram a serem abandonadas em detrimento de uma abordagem jornalística menos polemica e crítica, aproximando-se de uma perspectiva mais “objetiva” e “imparcial” (RIBEIRO, 2003, p. 148). Assim:

A imprensa foi deixando de ser definida como um espaço do comentário, da opinião e da experimentação estilística e começou a ser pensada como um lugar neutro, independente. O jornalismo não era mais visto como um gênero literário de apreciação de acontecimentos (como o havia definido Alceu Amoroso Lima). Passava a ser reconhecido como um gênero de estabelecimento de verdades (RIBEIRO, 2003, p. 148).

Neste contexto de mudanças, tem relevância a influência das técnicas norte-americanas de jornalismo, que passaram a servir de padrão para o conteúdo noticioso da imprensa brasileira tanto na sua linguagem quanto na estruturação textual.

A que se deveu este processo de modernização da imprensa brasileira a partir dos anos 1950? Segundo Riberio (2003), tal processo, excluídas suas contradições,

---

<sup>30</sup> Roberto Civita nasceu na cidade italiana de Milão em 9 de agosto de 1936, destacou-se como empresário no Brasil. Foi presidente da Fundação Victor Civita e diretor editorial da Editora Abril, além de editor da revista *Veja*. Faleceu em maio de 2013 em decorrência de falência múltipla dos órgãos que ocorreram em virtude de um aneurisma abdominal.

<sup>31</sup> Revista semanal de notícias publicada nos Estados Unidos. Fundada em março de 1923, e com publicações na Europa e na América Latina, é a revista de maior circulação no mundo atualmente.

visava racionalizar a produção jornalística que apontava para a disseminação de um jornalismo de massa, ou seja, a inserção da imprensa no âmbito da indústria cultural<sup>32</sup>.

Foi neste contexto de modernização do jornalismo brasileiro nos moldes norte-americanos que o ítalo-americano Victor Civita<sup>33</sup>, havia fundado anos antes, a editora Abril (1950), grupo editorial que logo viria a consolidar-se no Brasil em virtude do amplo e variado leque de revistas que publicava como a *Cláudia*, a *Capricho* e a *Quatro Rodas*<sup>34</sup>. O filho de Victor Civita, Roberto, à época da consolidação da editora do pai, estudava Economia e Jornalismo nos Estados Unidos. Ao retornar ao Brasil em 1959, passou a atuar como diretor de revistas da editora do seu pai. Como Roberto Civita tivera experiência de estágio no famoso grupo *Time-Life* durante seus estudos nos EUA, quando retornou ao Brasil e passou a trabalhar nos negócios do pai, logo externou o desejo de lançar uma revista semanal brasileira à semelhança dos grandes periódicos norte-americanos da organização *Time-Life*. A ideia inicial era que a publicação concorresse com a revista *Manchete* (famosa pela cobertura dos acontecimentos através de imagens), daí que o nome inicial da revista idealizada por Roberto Civita seria *Veja*, uma publicação com muitas imagens, cujo objetivo seria ser “vista” não necessariamente “lida”. Esta ideia inicial arrefeceu e só voltaria a ser considerada na segunda metade dos anos 1960, época em que publicações do grupo Abril como a revista *Quatro Rodas* e *Realidade* alcançavam o auge de seu sucesso editorial. Diante do clima de otimismo com o sucesso de algumas publicações do grupo, Roberto Civita decidiu, em 1967, a dar início ao projeto que culminaria na publicação da revista *Veja*. Na época, Roberto Civita convidou o já então famoso jornalista Mino Carta<sup>35</sup> para dirigir o projeto, como o mesmo estava fora do Brasil, resolveu dar início aos esboços da revista mesmo assim.

<sup>32</sup> Para Riberio (2003), “indústria de massa” e “cultura de massa” são sinônimos em que pese o primeiro ser mais adequado por trazer no termo “indústria” a ideia da lógica de mercado que rege a produção cultural.

<sup>33</sup> Victor Civita nasceu em Nova York, no dia 9 de fevereiro de 1907. Filho do empresário italiano Carlo Civita e de Vittoria. Após residir nos Estados Unidos e na Itália, Victor funda no Brasil uma pequena editora (fundada em 1950), para publicar a revista infantil O Pato Donald, sendo o princípio do negócio que viria a ser o Grupo Abril (um dos maiores grupos de comunicação da América Latina atualmente). Civita faleceu em agosto de 1990, vítima de um infarto fulminante.

<sup>34</sup> A *Cláudia* foi uma revista criada em 1961 para o público feminino. A *Capricho* fundada em 1952 para o público feminino jovem, e a *Quatro Rodas* era uma revista de publicação mensal (fundada em 1960), com abordagens voltadas para automóveis e o setor automobilístico em geral.

<sup>35</sup> Mino Carta, ou Demétrio Carta, italiano e genovês, nasceu em 1934. Jornalista importante e muito incensado pela mídia, está ligado à modernização da imprensa no Brasil. É um dos famosos “barões da imprensa” no eixo Rio- São Paulo.

Foi editor de grandes revistas e jornais que surgiram pós anos 60, entre elas: *Quatro Rodas*, *Jornal da Tarde*, *Veja*, *Isto é*, e *Carta Capital*. Disponível em: < <http://www.livronautas.com.br/ver-autor/593/mino-carta>>. Acessado em: 29.nov.2017.

Com Mino na Europa e a decisão de fazer a revista já tomada irreversivelmente, Roberto chamou à sua sala um discreto funcionário da empresa, egípcio de ascendência francesa - e lhe deu as decisões básicas para que ele estimasse os custos da revista semanal. Raymond Cohen, 29 anos, no Brasil desde a primeira guerra árabe-israelense e há dois anos diretor de Planejamento da editora, anotou: preço de capa 1 cruzeiro; tiragem, 250 000 exemplares, podendo oscilar entre 150 000 e 300 000; número de páginas de publicidade, 25 por edição. Anotou ainda outros dados essenciais e organizou uma pasta sobre a qual escreveu com lápis vermelho: “Projeto Falcão”. (VEJA edição comemorativa setembro, 1972, p. 11).

Com o “Projeto Falcão” apresentado e aprovado pela diretoria da *Abril* e a volta do jornalista Mino Carta para o Brasil (que aceitou dirigir a futura revista do grupo Abril), a concretização da publicação da revista tornara-se apenas questão de tempo. Sobre a equipe de redação, Victor Civita colocou:

Para fazê-la [...], selecionamos 100 entre 1 800 000 candidatos universitários de todos os Estados e realizamos um inédito Curso Intensivo de Jornalismo. Ao término do Curso, com cinquenta desses moços e outros tantos jovens “veteranos”, formamos a maior equipe redacional já reunida por uma revista brasileira. (Veja, 11 de setembro de 1968, p. 20).

Concluída a formação da equipe e resolvidas algumas discordâncias (sobre o nome da revista e a autonomia que o editor Mino Carta reivindicava), finalmente deu-se o lançamento da primeira edição da então nascente revista *Veja*. A promoção da revista foi acompanhada com grande expectativa, duas festas foram organizadas para promovê-la. O lançamento “teve uma das maiores campanhas publicitárias da história da imprensa”. (ALMEIDA, 2008, p.38), contando em sua primeira festa de lançamento com autoridades, personalidades e donos das maiores agências de publicidade do Rio de Janeiro e de São Paulo. Finalmente em 11 de setembro de 1968, chegou às bancas a primeira edição de *Veja*, cujo objetivo era:

[...] oferecer aos leitores uma seleção ordenada e concisa dos fatos essenciais da semana em todos os campos do conhecimento, explicando seu significado, fornecendo seu pano de fundo e servindo como uma espécie de rascunho semanal da história desse mundo efervescente e aparentemente inexplicável. (Veja edição comemorativa setembro, 1972, p. 09).

A despeito de seus ambiciosos objetivos e de seu convidativo *slogan* publicitário “O mundo está explodindo à sua volta e você não sabe por que”, a revista *Veja* foi, inicialmente, um fracasso editorial. Em sua edição comemorativa de quatro anos, *Veja* admite que:

A campanha publicitária do lançamento de *Veja* é frequentemente apontada como uma das causas de seu fracasso inicial. Através dela, diz-se, ter-se-ia tido a impressão de que a Abril iria colocar nas bancas, em setembro de 1968,

uma feérica revista semanal ilustrada, repleta de fotos em cores fantásticas, retratando, com contumaz frequência, mulheres sensacionais. “A Abril vai lançar sua ‘Manchete’, era a opinião que se ouvia” [...]. (*Veja*, edição comemorativa setembro, 1972, p.12).

Almeida (2008), também afirma que houve má recepção à revista por conta da expectativa (frustrada) de que ela fosse semelhante a *Manchete*, quando na verdade era uma revista de informação. Segundo a autora, naquela época:

[...] o público não estava preparado para esse tipo de publicação. O leitor brasileiro estava acostumado com revistas ilustradas, que viviam seu auge. Eram mais observadores do que leitores. Para termos ideia, 750 mil exemplares de *Manchete* sobre a cobertura da inauguração de Brasília se esgotaram em 48 horas. As revistas ilustradas tinham como prioridade a fotografia, a diagramação e as páginas coloridas. Por sua vez, *Veja* investia no texto. Era um novo tipo de revista, com novos padrões para a imprensa brasileira. Até para seus profissionais. (ALMEIDA, 2008, p.39).

A aceitação da revista demorou alguns anos para efetivar-se. Em 1969, integrantes da equipe da revista chegaram a prever o fechamento da publicação. A situação era tão frágil que “Roberto Civita conta que, nos primeiros anos, o lucro das outras revistas era perdido com os prejuízos da semanal” (ALMEIDA, 2008, p.45). Cético quanto ao fato de que a *Abril* vinha financiando a *Veja* com o lucro de outras publicações, Silva (2005) alega que:

Esses indícios nos levam a suspeitar de um caminho próximo ao que fora feito por Roberto Marinho com a Rede Globo, ou seja, recebendo apoio de investidores desses grupos editoriais externos, mas essa questão merece maiores investigações futuras [...]. (SILVA, 2005, p.57).

Seja recebendo “apoio de investidores de grupos editoriais externos” (possivelmente o grupo *Time-Life* dos EUA) ou financiando-se com o lucro de outras revistas da *Abril*, o fato é que, no início dos anos 1970, *Veja* começaria a sair do ‘vermelho’ quebrando, aos poucos, a resistência que seu formato editorial tinha junto ao público. A introdução de entrevistas com personalidades de projeção nas chamadas “páginas amarelas”<sup>36</sup>, somada a adoção do sistema de assinaturas e a cobertura política que veio a lhe dar um caráter nacional (ALMEIDA, 2008) são apontadas como mudanças que trouxeram um eixo para a revista, alavancando seu sucesso editorial que, já em 1972 era notável. Naquele ano, em edição comemorativa, *Veja* observava que:

---

<sup>36</sup> Como ficaram conhecidas as páginas da Revista *Veja* dedicadas a publicação de entrevistas.

Como a venda em bancas da revista não caiu, aliás teve um aumento, há os que acreditam que no fim de 1973, se não antes, *Veja* estará rodando cerca de 200 000 exemplares e vendendo mais de 170 000, o que a tornaria um veículo de informação de poder ainda mais extraordinário. (*Veja*, edição comemorativa setembro, 1972, p.17).

O otimismo da revista não estava equivocado quando se leva em consideração o crescimento do número de exemplares e da circulação da revista. Segundo dados da própria revista<sup>37</sup> (que tiveram como fonte o DINAP e o Instituto Verificado de Circulação - IVC), *Veja* fez circular 249.200 exemplares (somadas as assinaturas e as vendas em bancas) no ano de 1978. Em 1988 este número saltaria para 743.300, dez anos depois chegaria a 1.148.800 e decresceria para 1.100.000 no ano de 2008. Segundo levantamento mais recente do IVC, a revista continua sendo a de maior circulação no Brasil, tendo 1.120.199 exemplares circulado em março de 2016. O decréscimo na circulação, que entre outras coisas deve-se à difusão da internet e das fontes digitais de informação, não atinge decisivamente o sucesso editorial que a revista conquistou no decorrer de seus quase 50 anos de circulação.

Assim, a trajetória de surgimento e consolidação da *Veja* respeita aspectos de ordem interna, organização da equipe de redação, escolha do editor chefe, ideias sobre as edições iniciais; quanto de questões de contexto, nas quais o surgimento e consolidação da *Veja* podem ser entendidos como partes de um momento de transformações no cenário social e tecnológico dos veículos de informação, sobretudo com a recepção, a partir dos anos 1950, do então “novo paradigma” norte-americano.

## **2.2 A política nas páginas da *Veja***

Muitos foram os trabalhos acadêmicos desenvolvidos tendo a *Veja* como fonte ou objeto de análise. Para que possa ser compreendida a forma pela qual o semanário tem sido analisado em âmbito acadêmico, considerou-se cinquenta pesquisas que abrangem as mais diversas áreas como linguística/linguagem, comunicação social/jornalismo, psicologia, ciências sociais, história e ciências políticas - a relação do material encontrasse no Apêndice A listado no final deste trabalho. Interessam aqui especificamente os trabalhos que tratam da política (campo de estudo no qual se insere o presente trabalho de pesquisa), a fim de que seja possível compreender como tem se

---

<sup>37</sup> Disponíveis na Edição Comemorativa de 40 anos de *Veja* (setembro de 2008), p. 262.

dado o posicionamento de *Veja* neste campo e quais tem sido os objetos de análise tendo a revista como *corpus*.

### 2.2.1 O feminino e a política

Sobre a representação/ participação da mulher no cenário político, os trabalhos analisados abrangem desde a representação de Winnie Mandela (no contexto da luta contra o Apartheid da África do Sul), até a representação feminina na luta contra a ditadura militar brasileira e a “retratação” das mulheres candidatas no pleito presidencial brasileiro de 2010.

Renné França e Rosa Cabecinha (2010), propuseram-se analisar a representação do líder sul-africano Nelson Mandela a partir da revista *Veja*, de modo que se pudesse perceber a maneira pela qual a memória social se transforma no decorrer do tempo. Ao analisar a representação de Nelson Mandela e de sua esposa Winnie Mandela, concluiu-se que Mandela foi representado como “maior” do que Winnie, sendo ela representada “como uma mulher comum, afeita aos erros e fraquezas humanas. Ele sendo representado como um ser maior que a vida, símbolo de toda uma nação. Ela destinada á lembrança efêmera (...) Ele destinado ao inesquecível” (FRANÇA, CABECINHAS, 2010, p.320).

Ana Maria Marques e Andreia Marcia Zattoni (2014), propuseram-se “expor os debates presentes inicialmente no centro da Mulher Brasileira (CBM) [...], para mostrar as tendências do feminismo ali retratados” (MARQUES, TEZINI, 2014, p.55). Neste trabalho, objetivou-se também analisar a maneira como o feminismo foi retratado na *Veja* no decorrer do ano de 1975, oferecendo, com tal análise, um contraponto aos debates que ocorriam na CBM na época. Concluiu-se que, embora o feminismo não tenha sido ignorado pela revista, ele é tratado de forma preconceituosa por *Veja*, que não vê as pautas feministas com seriedade. O trabalho é aqui considerado por inserir-se também no contexto de resistência ao regime militar brasileiro<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup> Há divergências na historiografia brasileira acerca da natureza da experiência autoritária que o Brasil experimentou entre 1964 e 1985. Para uma corrente de historiadores (na qual se filia Daniel Aarão Reis) a ditadura foi “civil-militar” por ter contado com amplo apoio da sociedade brasileira, entre os quais muitos civis. Carlos Fico, por sua vez, alega que o golpe de 1964 foi civil-militar haja vista o apoio e participação de civis no movimento, porém, a ditadura teria sido somente “militar” por ter sido um período onde a participação dos militares foi predominante. No presente trabalho adotou-se a posição defendida por Fico, entendendo ser o período autoritário de 1964 a 1985 uma *ditadura militar*. Sobre isso ver: MELO, Demian Bezerra de. Ditadura “civil-militar”? Controvérsias historiográficas sobre o processo político brasileiro no pós-1964 e os desafios do tempo presente. **Espaço Plural**, Rio de Janeiro, n°. 27,

Mariângela Monfardini Biachi (2013) propõe-se verificar quais foram as estratégias discursivas utilizadas pelas revistas *Veja* e *Istoé* para referir-se às candidatas Marina Silva (Partido Verde) e Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores) ao longo da campanha presidencial de 2010. O objetivo da pesquisa é compreender como se deu a construção do feminino nas duas revistas em um espaço tradicionalmente ocupado por homens. Concluiu-se que as mulheres ainda são retratadas na cobertura política como “deslocadas” e sujeitas a formas de categorizações.

### **2.2.2 Ditadura Militar Brasileira: governo, resistência e movimentos sociais**

São muitos os trabalhos sobre a *Veja* que trazem em suas análises temáticas relacionadas a ditadura militar brasileira (1964- 1985). Neste trabalho analisamos produções cujos temas vão desde as relações dos governos militares com empresas (e o discurso de legitimação do mesmo perante a sociedade), até a representação dos movimentos sociais de contestação ao regime, sobretudo o Movimento Estudantil.

Lívia dos Santos Chagas (2009), propôs-se analisar a construção do discurso da revista *Veja* no ano de 1970, que teve como tema o futebol (naquele ano ocorreu a Copa do México na qual o Brasil sagrou-se campeão). Concluiu-se que o discurso da revista sobre o futebol estava alinhado ao discurso da propaganda governamental do período, acabando por conferir legitimidade recíproca (da *Veja* e da propaganda do governo). Assim, o discurso de *Veja* ajudou a conferir normalidade aos acontecimentos que ocorriam no Brasil na época.

Juliana Caetano Vaccari Tezini (2007), objetiva mostrar como a revista *Veja*, “através de suas construções discursivas, buscou desmobilizar a participação política dos estudantes universitários durante o ano de 1977” (TEZINI, 2007, p. 171). Concluiu-se que *Veja* desenvolveu uma verdadeira campanha que visava a contenção da reorganização estudantil cujas reivindicações (que atendiam ao apelo popular) eram contrárias ao posicionamento da *Veja*.

Edina Rautenberg (2013), objetiva problematizar não só a relação existente entre empresas da construção civil e a ditadura militar brasileira, mas também as relações entre elas e a imprensa. Concluiu-se que *Veja* atuou durante o regime militar a favor da

legitimação e da “propagação das grandes obras [...] por haver consonância da revista com alguns dos interesses e projetos da ditadura” (RAUTENBERG, 2013, p. 158-177). No que tange a relação de *Veja* com empresas de construção civil, infere-se que *Veja* atuou em defesa da Construtora Mendes Júnior em especial.

Em outro trabalho da mesma autora (2011), objetivou-se analisar a posição da revista *Veja* em relação ao poder e a luta de classes através do discurso que o semanário adota ao referir-se a grupos empresariais e a guerrilhas respectivamente. Concluiu-se que o semanário “defendeu tanto os empresários, quanto os militares, construindo seu discurso de maneira a elogiar projetos governamentais e indicar os melhores caminhos para o desenvolvimento econômico” (RAUTENBERG, 2011, p. 20).

### 2.2.3 Personalidades Políticas

A representação de personalidades políticas tendo a *Veja* como fonte de análise também foi objeto de estudos nos trabalhos acadêmicos produzidos sobre a revista. Neste contexto, foram analisadas diferentes personalidades como o presidente venezuelano Hugo Chávez, o general-presidente Emílio Garrastazu Médici e o presidente Luís Inácio Lula da Silva.

José Eduardo Umbelino Filho e Francislanda Rodrigues (2014), propuseram-se examinar a cobertura da revista *Veja* sobre a vida e a morte do presidente venezuelano Hugo Chávez. A análise apontou para “a construção de uma imagem estereotipada, a rígida formação de um personagem cujas características estão pré-determinadas para além dos fatos e podem ser sintetizadas nas imagens do Caudilho Fanfarrão” (FILHO, RODRIGUES, 2014, p.4).

Pedro Miguel, Júlio Lima da Rocha e Ruy Rocha (2008), propuseram-se analisar as edições das revistas *Veja* e *Carta Capital* publicadas em alusão ao “aniversário” da morte do líder revolucionário Che Guevara. A análise visou “identificar a presença da subjetividade do autor no texto e de discorrer sobre como a opinião do repórter pode influir na formação da opinião do público”. (MIGUEL, LIMA DA ROCHA, ROCHA). Concluiu-se que a reportagem de *Veja* é basicamente uma reportagem opinativa. Já a *Carta Capital*, embora também não tenha pautado sua cobertura sobre a morte de Che com objetividade, oferece um texto mais objetivo e menos “opinativo” do que a reportagem da *Veja*.



Fabiana Aline Alves e Paulo César Boni (2012) buscam compreender a forma pela qual a cobertura fotojornalística da revista *Veja* construiu a imagem do General Emílio Garrastazu Médici no contexto do processo de sucessão de Costa e Silva que o elegeu presidente. Concluiu-se que *Veja*, apesar de “tentar” tratar os candidatos de maneira equânime, deixou transparecer seu favoritismo pelo General Médici, chegando a antecipar elementos que se tornariam características da imagem do presidente como a de um homem comum, sério, pai de família, respeitado e amante do futebol.

Poliana Monteiro Napoleão (2006), propôs-se discutir como a *Veja* representou “uma realidade por meio de signos-recursos verbais e visuais, fazendo cobertura personalista da política, construindo e (des) construindo o mito Lula em suas capas” (NAPOLEÃO, 2006). Concluiu-se que os signos existentes nas capas das edições analisadas indicam ausência de imparcialidade.

#### **2.2.4 Governos**

Na área da análise dos governos propriamente ditos, os trabalhos analisados abordam não só as relações da revista *Veja* com o governo do presidente Itamar Franco (1992-1995), como a análise do discurso da revista sobre o PT no contexto do escândalo do mensalão no governo Lula. No âmbito internacional, as pesquisas abordam temas diversos como a representação da Revolução Iraniana nas páginas da *Veja* e o posicionamento da revista em face dos dois primeiros anos da presidência do republicano George W. Bush nos Estados Unidos. A representação da América Latina nas páginas da *Veja* (tema presente em uma das pesquisas analisadas), é aqui considerada por apontar conclusões que, entre outras coisas, destacam questões de governo como as ditaduras militares e conflitos diplomáticos.

David Anderson Zanoni (2013) procurou analisar como se deram as representações criadas pela revista *Veja* em torno da sociedade iraniana e sua cultura na imprensa brasileira tendo como recorte temporal os anos de 1978 e 1979 (período da Revolução Iraniana). A pesquisa concluiu que *Veja* concebeu discurso alinhado ao dos Estados Unidos denunciando a ilegalidade das atitudes iranianas no contexto da Revolução Iraniana e ignorando o apoio dos Estados Unidos ao regime do Xá Reza Pahlevi, de modo que seus leitores sejam levados a pensar que o ódio dos iranianos aos Estados Unidos seria injustificado, sendo o Irã considerado “ um país violento, irracional e extremista” (ZANONI, 2013, p.52).

Valquíria Michela John, Felipe da Costa, Guilherme Felipe Busnardo, Pricilla Tiane Vargas, Robson Souza dos Santos e Thiago Amorin Caminada (2016), propuseram-se analisar como se deu a construção das representações sobre a América Latina realizadas pela revista *Veja* no decorrer dos seus 45 anos de publicação. Concluiu-se que, salvo raras exceções, a América Latina foi “representada nas capas de *Veja* em assuntos negativos como conflitos e guerra, crises econômicas, regimes ditatoriais, narcotráfico e problemas diplomáticos” (JOHN, COSTA, BUSNARDO, VARGAS, SANTOS, CAMINADA, 2016).

Carla Luciana Silva (2006), objetiva discutir a relação da revista *Veja* com o governo brasileiro (nomeadamente o governo do mineiro Itamar Franco), no contexto de consolidação de políticas neoliberais no Brasil. Concluiu-se que *Veja*, “vigia” o governo Itamar a fim de garantir que este assegurasse os interesses da revista. Foi promovida uma articulação por parte do semanário no sentido de convencer as sociedades civis e política a implementarem a agenda neoliberal defendida pela revista, a despeito da vontade do presidente.

Djenane de Oliveira Pimentel (2002), propõe-se “verificar a possível falta de ética no jornalismo da revista *Veja*, elegendo como estudo de caso a postura dúbia, às vezes “elogiosa”, por outras “difamatória”, sobre o ex-presidente (...) Itamar Franco” (PIMENTEL, 2002). Concluiu-se que existe por meio de um “estilo *Veja*”, o fotojornalismo está em segundo plano no noticiário da revista. Há um forte investimento na construção de um “interesse pela capa” da revista e os Estados Unidos são o parâmetro editorial do semanário.

Ivanaldo Santos e Regilberto José Silva (2012), objetivam “investigar o discurso da revista *Veja* orientado para a construção da imagem do PT a partir das relações de poder entre mídia e governo no episódio do mensalão” (SANTOS, SILVA, 2012, p. 01). Concluiu-se que a construção discursiva de *Veja* sobre o PT se deu por razões exclusivamente ideológicas, com a revista (que visava à derrocada do PT na eleição de 2006), atrelando a sigla à imagem de corrupta e autoritária, imagem negativa que supostamente atingiria o presidente da república que pertencia a legenda (Lula) no pleito presidencial de 2006.

Wellison Marques (2011), propõe-se analisar o “sujeito que perpassa os discursos atinentes ao Partido dos Trabalhadores na revista *Veja*” (MARQUES, 2011). Para desenvolver tal análise, considerou o artigo *Nocaut* publicado em *Veja* no ano de 2005 no bojo do dito “escândalo do mensalão”. Concluiu-se que a revista reiterou não

só o “fim” do Partido do Trabalhadores como também a “ indolência” de Lula em face de uma possível reforma ministerial no bojo da crise do mensalão (que foi amplamente explorada) indicando uma desqualificação por parte de *Veja* daqueles a quem a revista se refere (Lula e o Partido dos Trabalhadores).

Marcos Guedes de Oliveira e Rafael Mesquita de Souza Lima (2014), propuseram analisar o discurso da revista *Veja* nos dois primeiros anos da gestão do presidente estadunidense George W. Bush a fim de evidenciar a presença de elementos pró ou antiamericanos no semanário. Concluiu-se que, a despeito de seu viés liberal-conservador, *Veja* apresenta uma imagem negativa do presidente Bush e dos Estados Unidos no período estudado.

### **2.2.5 Eleições**

A análise das eleições (e da representação política dos candidatos), é tema presente em inúmeras produções acadêmicas analisadas. Os trabalhos vão desde o posicionamento de *Veja* em face da candidatura (e do Governo) de Fernando Collor de Mello em 1989, até análises sobre a construção da imagem dos candidatos Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva no pleito de 1994. A forma pela qual *Veja* retratou Lula não se limita ao pleito de 1994, havendo análises da representação do candidato nas eleições de 1989, 1998, 2002, 2006. No que diz respeito aos pleitos internacionais, as análises giram em torno da representação do senador Barack Obama no contexto da eleição presidencial norte-americana de 2008.

Anderson dos Santos (2007), objetiva analisar como a revista *Veja* posicionou-se em face do político Fernando Collor De Mello, mais precisamente pressupõe-se analisar os mecanismos utilizados pela revista para eleger o então governador de Alagoas, mantê-lo no poder e posteriormente contribuir de maneira decisiva para a sua queda (1992). Concluiu-se que a revista posicionou-se de maneira decisiva com relação a Collor, tanto no processo que o alçou ao poder (a eleição de 1989), quanto no processo que o apeou do mesmo (o processo de impeachment do presidente).

Vanderson Martins Barbosa (2005), objetiva “analisar a linguagem da revista *Veja* em relação à construção da imagem de Fernando Henrique Cardoso como candidato á presidência da República nas eleições disputadas no ano de 1994” (BARBOSA, 2005, p.1). Através de tal análise, pretende-se entender a forma pela qual foi processada a representação positiva de Fernando Henrique Cardoso e que recursos

linguísticos são utilizados para tal. Objetiva-se também analisar a maneira pela qual a imagem dos adversários de Fernando Henrique é representada. A conclusão aponta para uma representação positiva de Fernando Henrique e negativa de Lula. *Veja* entende Fernando Henrique como encampador de “um projeto político de cunho conservador, visto que representa a continuidade do antigo governo, apesar de conter em seu bojo ideais modernizadores, principalmente no que diz respeito a economia” (BARBOSA, 2005, p. 63). A revista está alinhada a este projeto político “encampado” pelo candidato e utiliza uma gama de recursos linguísticos em suas reportagens para defender/legitimar sua candidatura.

Carlos Augusto Dantas Pacheco (2008), propõe-se “analisar e comparar as imagens construídas pela revista *Veja* dos candidatos a presidente Fernando Henrique Cardoso e Lula, durante o período eleitoral para eleição do primeiro turno de ambos” (PACHECO, 2008, p.1). Concluiu-se que Fernando Henrique foi retratado de forma positiva e Lula de maneira negativa. Para construir tais representações, *Veja* se valeu de uma série de recursos como a pose dos candidatos nas imagens publicadas, fotogenia e a trucagem das imagens.

Karina Lima da Silva (2005), objetiva analisar a diferença na forma pela qual *Veja* apresentou o candidato Luís Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais de 1998 e 2002. Concluiu-se que houve uma metamorfose na imagem de Lula entre os pleitos de 1998 e 2002. No primeiro, Lula foi retratado negativamente, sendo apresentado como um candidato “carrancudo”, despreparado e vinculado a greves e ao MST, a antítese do polido Fernando Henrique Cardoso seu principal adversário naquela eleição. Em 2002, com Lula candidatando-se novamente e apresentando uma aparência mais polida e um discurso moderado, *Veja* não retratou-o da mesma forma que fizera em 1998, limitando-se apenas em cobrar um posicionamento do candidato que garantisse que não fossem promovidas mudanças sociais bruscas na sociedade caso fosse eleito.

Pâmela Mendes Leony (2011), propôs-se “analisar como a *Veja* publicou imagens de Lula enquanto candidato à presidência, quais recursos utilizou e sob que pontos de vista” (LEONY, 2011). Concluiu-se que *Veja* utilizou diferentes recursos (como cores, imagens e símbolos e expressões impactantes) para construir e desconstruir a imagem de Lula, aludido como um homem “do povo”, despreparado para governar o país, ao contrário de seus experientes adversários.

Carla Luciana Silva (2006) objetivou analisar a relação da revista *Veja* com o PT no decorrer dos pleitos presidenciais de 1989, 1994, 1998 e 2002. Concluiu-se que *Veja*, ao longo destes pleitos, sempre manteve uma posição crítica ao partido denunciando o “radicalismo” da sigla mesmo quando se deu o triunfo da legenda na eleição presidencial de 2002. As críticas da revista ao partido, porém, se deram de diferentes maneiras, inicialmente foi uma crítica total, depois visou a denúncia da divisão do partido de modo a cooptar aqueles que estivessem alinhados ao projeto político da revista dentro da legenda e por fim uma crítica aos “radicais” da sigla que deveriam ser expulsos da legenda de acordo com o semanário.

Iander Moreira Porcella e Elisangela Cardoso Machado Mortari (2016), objetivam promover uma análise semiológica de duas capas da *Veja*, uma publicada na véspera da eleição presidencial de 2010 e outra na véspera da eleição de 2014. A análise visa comparar as edições, apontando possíveis semelhanças na construção do discurso midiático, de modo que seja possível explicitar a forma como *Veja* construiu suas capas e o que elas representam nas vésperas das eleições. Concluiu-se que a construção discursiva da revista nas edições analisadas teve o objetivo de influenciar o resultado dos pleitos, prejudicando a candidata petista Dilma Rousseff de modo que o PSDB (sigla mais próxima da visão ideológica de *Veja*), conseqüentemente fosse favorecido.

Edson Roberto Borgas Garcia (2012), teve como objetivo analisar os conteúdos “veiculados pela revista *Veja* sobre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, nos dois meses anteriores às eleições presidenciais de 2002 e 2006 (...), bem como nos meses de janeiro e fevereiro de 2003 e 2007(...)” (GARCIA, 2012, p.111). Tal análise, objetiva descobrir a maneira pela qual *Veja* concebeu a imagem de Lula ao longo dos pleitos presidenciais nos quais sagrou-se vencedor. Concluiu-se que, apesar de *Veja* não ter tido poder de influência na votação, teve papel relevante na decisão dos eleitores das classes A e B.

Fernanda Cristina dos Santos (2011) propôs-se analisar a cobertura de *Veja* sobre a eleição presidencial de 2010 objetivando identificar a forma como as candidaturas dos dois principais candidatos (Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores e José Serra do Partido da Social Democracia Brasileira) foi abordada por *Veja*. Com isso, pretendeu-se não só analisar o posicionamento ideológico da revista no decorrer do processo eleitoral, como também os recursos de linguagem utilizados pela mesma para influenciar a decisão dos seus leitores. Concluiu-se que *Veja* ofereceu “tratamento” diferenciado para os candidatos, sendo que a candidatura de Dilma

Rousseff (bem como o PT e seus aliados) foi representada de forma negativa de forma bem mais frequente (104 gêneros textuais de teor negativo) do que a candidatura de José Serra (que contou com apenas 06 textos com conteúdo negativo).

Sandro Braga e Tiago Costa Pereira (2011) objetivam analisar a revista *Veja* de 11 de junho de 2008 a fim de apresentar a:

“[...] abordagem de alguns efeitos de sentido dos discursos utilizados por *Veja* para constituir e significar um Obama que é caracterizado pelo exotismo ao mesmo tempo em que promove o afastamento do passado histórico e político dos negros dos Estados Unidos”. (BRAGA, PEREIRA, 2011, p.171).

Concluiu-se que as características de “exotismo” atribuídas a Obama levaram o leitor de *Veja* a atribuir determinados efeitos de sentido que dão a ideia de que um negro pode chegar á presidência dos Estados Unidos desde que afaste-se da sua “raça”, deixando de levar em conta o histórico de luta por igualdade racial nos Estados Unidos.

Daniel Andrade Torres de Bem (2011), ao analisar as revistas *Veja* e *Época*, propõe-se compreender os sentidos que estas revistas produziram sobre o político Barack Obama durante a campanha presidencial norte americana de 2008. A conclusão aponta para um emprego de sentidos que refletem Obama positivamente, sendo o político compreendido como personificação da esperança e da mudança, um verdadeiro herói dadas as dificuldades que enfrentou para chegar á presidência estadunidense.

Fhoutine Marie (2009) tem por objetivo analisar a cobertura da revista *Veja* sobre a eleição presidencial norte-americana de 2008, levando em consideração a edição da revista publicada na semana do pleito e a primeira edição publicada após o resultado da eleição. Concluiu-se que a eleição de um negro para a presidência norte-americana causa “estranhamento” sendo por isso, não só uma eleição “ excepcional”, como também uma prova cabal das oportunidades iguais que a sociedade norte-americana oferece.

Ao longo da análise dos trabalhos acadêmicos sobre *Veja* e política, constatou-se uma lacuna no que diz respeito ao atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Em face disto, propõe-se neste trabalho analisar como foi apresentada a figura política de Trump na revista *Veja* durante a campanha presidencial de 2016, tendo em vista ser este um tipo de análise recorrente sobre a revista no que diz respeito a trabalhos sobre processos eleitorais e seus respectivos candidatos.

### Capítulo 3

#### DONALD TRUMP E AS ELEIÇÕES NORTE AMERICANAS NAS PÁGINAS DA REVISTA *VEJA*

O presente capítulo, trata de estabelecer os resultados da análise de conteúdo das matérias e reportagens presentes no noticiário político internacional da Revista *Veja* em relação à figura política de Donald Trump. Além disso, procura-se fazer apontamentos e inferências acerca dos dados apresentados.

Pode-se dizer que a ascensão de Donald Trump tem sido vista pelos analistas políticos e pesquisadores da área como um elemento de mudança e de transformação do panorama econômico e, sobretudo, da política global. No entanto, o modo como essa “mudança” tem sido vista pela imprensa pode fornecer subsídios para compreender o cenário atual de um modo mais sistemático.

Em geral, o noticiário político de *Veja* demonstrou-se com uma posição desfavorável à eleição de Donald Trump. A mobilização da figura política no conteúdo das notícias veiculadas na *Veja* acionam adjetivações e designações que identificam Donald Trump como “mentiroso”, representante de uma “ameaça” e como um político “populista”<sup>39</sup>. Ilustramos a reincidência destes termos na tabela reproduzida a seguir:

---

<sup>39</sup> Para chegarmos a tais conjuntos, analisamos dezesseis edições de *Veja* (Ed. 2488 ( 27/07/2016), Ed. 2489 (03/08/2016), Ed. 2492 ( 24/08/2016), Ed.2493 (31/08//2016), Ed. 2494 ( 07/09/2016), Ed. 2496 (21/09/2016), Ed. 2499 ( 12/10/2016), Ed. 2500 ( 19/10/2016), Ed. 2501 ( 26/10/2016), Ed. 2503 (09/11/2016), Ed. 2504 (16/11/2016), Ed. 2505 ( 23/11/2016), Ed. 2509 (21/12/2016), Ed. 2510 (28/12/2016), Ed. 2513 (18/01/2017), Ed. 2514 ( 25/01/2017), que compreendem o período que vai da aclamação de Donald Trump como candidato oficial do Partido Republicano ( julho de 2016), até sua posse como 45º presidente dos Estados Unidos ( janeiro de 2017). Como fonte de análise, levou-se em consideração apenas reportagens do noticiário internacional que tratou da campanha presidencial de 2016. A exceção foi a carta do editor da edição de 16 de novembro de 2016 que, por constituir-se na opinião “ pessoal” de *Veja*, sobre a vitória de Trump, e mereceu ser incluída na análise. Imagens também foram consideradas no trabalho por entender-se que estas não só ilustram como complementam a mensagem que os textos pretenderam transmitir aos leitores.

Atitudes Valorativas			
Categorias ou rubricas	Componentes	Exemplos	Número de itens presentes
Rússia	Moscou Putin Russos Rússia Kremlin	“o bilionário conclamou Moscou a espionar sua adversária.” “Trump e Putin nutrem uma admiração recíproca” “Trump sinalizou que está disposto a se aproximar da Rússia” “Trump está sendo “cultivado” pelo serviço secreto russo”	17
Ameaça	Ameaças Ameaça Ameaçou	“ameaça à democracia representadas por Trump.” “O presidente não suporta críticas e ameaçou”	13
Populismo/ Populista	Populismo Populista	“Trump energiza a direita populista” “Trump e outros populistas” “direita populista nostálgica de Trump”	08
Mentiroso	Mentiroso Mentiras Mentir	“Trump tem necessidade compulsiva de atenção, é mentiroso” “Trump atacou a imprensa, espalhou mentiras” “Ao mentir sem pudores, Trump”	08
Total			46

Nesta tabela, podemos perceber que a palavra “ameaça”, explícita nas páginas da *Veja* de modo contundente, constitui-se em uma das principais mobilizações efetuadas no noticiário político da revista. De acordo com as citações, a figura de Trump configuraria, entre outras coisas, uma ameaça “às minorias”, como fica claro na edição de 9 de novembro de 2016: A exemplo de tantas outras mulheres negras que obtiveram diploma universitário, e ainda almejam uma remuneração mais justa, Tesfa vota em Hillary por ver em Trump uma ameaça a sua ascensão.

A despeito do “perigo” que o candidato republicano representaria às minorias, quem mais sairia prejudicada pela ascensão do bilionário nova-iorquino seria a democracia. A edição de 16 de novembro de 2016 afirma que: “O fato de Trump, Le Pen e similares não poderem ser classificados como fascistas não significa que não sejam uma ameaça á democracia moderna”. Na edição de 25 de janeiro de 2017, que trouxe a cobertura da posse do novo presidente, *Veja* destaca novamente a ‘ameaça’ que Trump representaria a democracia, elencando uma lista de “formas” pelas quais ele exerceria esta ameaça:



As instituições americanas [...] foram postas à prova com a eleição do presidente com a personalidade mais autoritária de sua história recente. Como será que conseguirão resistir a esse presidente no exercício do poder? A seguir, as principais formas de **ameaça à democracia representadas por Trump**.

Pode-se afirmar que a noção de “ameaça” esteve muito presente no noticiário político internacional da revista *Veja*, embora fragmentado em outras designações e adjetivações. Pensar como Donald Trump foi “adjetivado” pelo noticiário político internacional de *Veja*, significa, dentro do escopo geral deste trabalho de conclusão de curso, uma tentativa de compreender como sua figura política vem sendo vista pela imprensa de um modo um pouco mais aprofundado.

Além disso, diante da quantidade e da velocidade das informações sobre Trump e as eleições norte-americanas, tornou-se significativa a intenção de mapear aspectos-chave do conteúdo de *Veja* sobre o personagem.

### 3.1 Donald Trump e as relações com a Rússia

Durante a campanha presidencial norte-americana de 2016, muito foi dito acerca da suposta interferência russa no processo eleitoral. As suspeitas davam conta de que a Rússia teria invadido computadores do Comitê do Partido Democrata e vazado milhares de *e-mails* do partido com o objetivo de prejudicar a candidata da sigla, Hillary Clinton. Após “pedir” publicamente à Rússia que *hackeasse* mais *e-mails* da candidata democrata, Donald Trump passou a ser vinculado aos russos e aos casos de suposta intervenção da Rússia na eleição contra Hillary Clinton. Na ocasião, o ex-diretor da CIA Leon Panetta pronunciou-se no sentido de “denunciar” não só a possível deslealdade de Trump ao país, mas também uma pretensa “conspiração” urgida por Trump e pelo presidente russo Vladimir Putin com o objetivo de levar o primeiro à Casa Branca<sup>40</sup>.

As suspeitas sobre as possíveis relações de Donald Trump com a Rússia se estenderam durante o resto da campanha intensificando-se com a vitória do republicano em novembro de 2016. Na época foi aventada a hipótese de que o triunfo eleitoral do empresário nova-iorquino foi possível devido ao apoio de Vladimir Putin, “que teria a capacidade de definir uma eleição dos Estados Unidos” (VIZENTINI, 2017, p.3) <sup>41</sup>,

<sup>40</sup> BORGES, Liliana. **Trump encoraja Rússia a piratear conta de email de Hillary Clinton**. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2016/07/27/mundo/noticia/trump-acusado-de-espionagem-depois-de-pedir-a-russia-para-invadir-conta-de-hillary-clinton-1739618>>. Acessado em: 27. Nov. 2017

<sup>41</sup> Sobre isso ver: VIZENTINI. Editorial: Trump & Putin. Boletim de Conjuntura. Nerint. Porto Alegre, nº 4, p. 1-9, jan. 2017.

uma tese que não só visa deslegitimar a vitória do republicano como também, apelar ao sentimento anti-Rússia (muito útil às potências do ocidente em sua busca pela resolução de crises internas e novos realinhamentos diplomático – militares). Neste sentido (e em meio à falta de consenso sobre assunto tão contemporâneo), Vizontini (2017), afirmou que:

Para os grandes especialistas, entretanto, a política do Kremlin é cautelosa e etapista, dada as debilidades do país, especialmente com as atuais sanções econômico-diplomáticas. Assim, mais do que qualquer coisa, a russofobia ou Putinfobia, revelam os elementos intrínsecos à política das grandes potências Ocidentais: a crise das nações e os difíceis realinhamentos diplomático-militares. Apenas frente a uma Rússia ameaçadora se lograria enfrentar-se tais dificuldades (VIZENTINI, 2017, p.3).

No período que se seguiu a eleição de Donald Trump (durante a transição do governo), a mídia e especialistas de todos os matizes passaram a discutir quais seriam os impactos geopolíticos desta suposta relação do recém-eleito presidente norte-americano com Moscou, a partir do momento em que este assumisse a presidência. Assim, a denúncia das supostas “relações” de Trump com a Rússia (e suas consequências) acompanham o nova-iorquino desde a campanha, sendo interpretadas/analizadas á luz de diferentes perspectivas. As análises são muitas e inconclusas. Por localizar-se no campo da História do Tempo Presente e estar sujeito a novos desdobramentos a qualquer momento (resultantes do escrutínio da imprensa e das investigações do FBI), o suposto caso de “conluio” da campanha de Donald Trump com a Rússia oferece mais perguntas do que respostas (e o “bombardeio” de informações sobre o assunto na mídia só corrobora a falta de consenso acerca do assunto). Para João Ozorio de Melo<sup>42</sup>, por exemplo, os russos não só interferiram nas eleições estadunidenses de 2016, como podem ter mudado o resultado do pleito. Já para Magnoli<sup>43</sup>, a eleição de Trump e a política externa agressiva do presidente russo Vladimir Putin representam a destruição dos pilares da “nova ordem mundial”, anunciada pelo presidente George H. W. Bush em 1991, sendo a Rússia do Presidente Putin apontada como o “ideal” para as correntes autoritárias na qual considera Donald Trump inserido.

Especificamente no conteúdo do noticiário político da revista *Veja*, ao mencionar que Putin conclamou Moscou a espionar sua adversária, por exemplo, a

---

<sup>42</sup> MELO, João Ozorio, **Participação de hackers russos nas eleições acende alerta no país**. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2017-jan-12/participacao-hackers-russos-eleicoes-eua-acende-alerta-pais>>. Acessado em: 20.nov.2017.

<sup>43</sup>MAGNOLI, Demétrio. **A ordem que desmorona**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniaao/a-ordem-que-desmorona-20703903>>. Acessado em: 20. Nov. 2017.

revista reforçou a ideia de que Putin estava com Trump na disputa pela Casa Branca, tese que foi explicitada no periódico quando, na edição de 3 de agosto de 2016 afirmou-se que:

O FBI, a polícia federal americana, trabalha com a hipótese de que os e-mails foram entregues ao site Wikileaks, que os vazou para o mundo, por serviços de espionagem russos com o objetivo de favorecer a candidatura de Trump, um admirador confesso de Vladimir Putin.

O resultado desta aliança de Donald Trump com Moscou seria nocivo, pois, dado o fato de que “Trump e Putin nutrem uma admiração recíproca” (Veja, 19 de outubro de 2016), a aproximação dos dois (que continuaria sendo destacada após a vitória do republicano), provocaria uma “nova (des) ordem” mundial (Veja, 21 de dezembro de 2016) pois:

Se Trump cancelar as sanções econômicas contra a Rússia, Putin poderá se sentir à vontade para atacar outras nações. Uma das regiões suscetíveis hoje são os países bálticos. O russo ainda poderia ampliar seu apoio ao ditador sírio Bashar Assad e aos aiatolás iranianos, que nunca desistiram da bomba nuclear. Tradicionais aliados americanos no Oriente Médio, como Israel, ficariam em desvantagem. Sentindo-se desprotegida, a Arábia Saudita poderia encomendar sua própria bomba nuclear.

Logo, os efeitos da aliança do presidente eleito com a Rússia configurar-se-iam em ameaça a ordem mundial que estaria em “(des) ordem” com a aliança dos presidentes dos Estados Unidos e da Rússia. As imagens publicadas na edição de 21 de dezembro de 2016, ilustram a suposta proximidade de Donald Trump com Moscou no discurso de *Veja*.



Figura 1 *Veja*,21/12/16, p.94 - 95

Na imagem esquerda Trump aparece triunfante indicando algo com o dedo (a legenda principal é ‘Apontado o caminho’). Na imagem ao lado, Rex Tillerson, recém-

nomeado Secretário de Estado da gestão Trump, posa ao lado do presidente russo Vladimir Putin em encontro no Kremlin (o palácio presidencial russo). A imagem sugere claramente uma aproximação dos Estados Unidos com a Rússia sob o governo Trump, sendo este (como a legenda da imagem afirma), o “caminho” da diplomacia norte-americana a ser trilhado pelo presidente. O título da reportagem logo abaixo da figura de Trump (A Nova (des) ordem mundial) sugere que o “caminho” rumo as relações com Moscou não é dos mais promissores, sendo que a aproximação diplomática representaria (como o título sugere), uma verdadeira desordem na ordem mundial.

Afinal, houve ou não essa aproximação? Uma pesquisa mais detalhada na imprensa e nos sites de informação não indicam com clareza essa afirmação. No entanto, após a posse de Donald Trump, escrutínios da imprensa e investigações secretas sobre tais “relações” oferecem indícios<sup>44</sup> de que pode ter havido alguma “aproximação” entre o então candidato republicano e a Rússia embora não seja possível apontar o grau de tais “contatos” e quais foram as possíveis consequências (ou se houve de fato alguma).

### 3.2 Donald Trump, o populismo e o populista

Antes de prosseguirmos a análise propriamente dita, gostaríamos brevemente de (tentar) conceituar o populismo e o significado que este tem tido na cultura política brasileira (na qual a revista *Veja* está inserida).

Conceito político impreciso, muitas vezes sendo utilizado de forma desarrazoada, o populismo tem sido definido de maneira “tão elástica e, de certo modo, a-histórica, que passou a explicar tudo e, como ocorre nesses casos, a explicar muito

---

<sup>44</sup> Tais indícios tem origem na investigação do FBI sobre a possível ligação da Rússia com a campanha presidencial de Trump, que acabou indicando que pessoas próximas do presidente encontraram-se com personalidades russas durante a campanha (algumas ligadas ao presidente Putin). A partir de tais revelações, Mike Flynn, conselheiro de segurança da Casa Branca renunciou ao cargo após vir à tona que o conselheiro mentira sobre o encontro que tivera com o embaixador russo nos Estados Unidos para debater sobre as sanções contra a Rússia (o procurador Geral do governo Trump, Jeff Sessions e o genro do presidente, Jared Kushner também teriam se encontrado com o embaixador ao longo da campanha). James Comey foi afastado da direção do FBI pelo presidente Trump após este supostamente ter pedido a Comey que “deixasse de lado” a investigação sobre Mike Flynn. Posteriormente descobriu-se um novo “indício” das possíveis relações da campanha Trump com a Rússia: seu filho, Donald Trump Jr., seu genro Jared Kushner e o chefe da campanha Paul Manafort teriam tido um encontro com uma advogada russa, Natalia Vesevitskaya, que ofereceu informações comprometedoras sobre Hillary Clinton e os democratas. O encontro foi inicialmente negado pelos possíveis envolvidos, mas não dissipou a nuvem de suspeitas que pairam sobre as possíveis relações de Trump com a Rússia. Sobre isso ver: **Quem é quem no megaescândalo da suposta ligação entre a Rússia e a campanha de Trump**. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-41810217>>. Acessado em: 25. Nov.2017

pouco (Ferreira, 2001, p.13). Até mesmo o *Dicionário Político* organizado pelo cientista político Norberto Bobbio é vacilante ao definir o conceito que, embora descrito como um conjunto de “fórmula políticas cuja fonte principal de inspiração e termo constante de referência é o povo, considerado como agregado social homogêneo” (Bobbio, et al, 1986,p.980), também é mencionado como uma “síndrome”, sem uma elaboração teórica, orgânica e sistemática efetiva sendo que “como denominação se amolda facilmente (...) a doutrinas e a formulas diversamente articuladas e aparentemente divergentes (Bobbio, et al, 1986,p.981).

No caso brasileiro, a imprecisão do termo tem uma longa trajetória, sendo difundida no vocabulário político a partir dos anos 40 surgindo “primeiro como uma imagem desmerecedora e negativa do adversário político, e somente depois como uma categoria explicativa de âmbito acadêmico” (Ferreira, 2001, p. 09).

A ideia do populismo enquanto imagem “desmerecedora e negativa do adversário”, continua sendo amplamente difundida na atualidade, não só para desqualificar lideranças políticas, mas também toda e qualquer iniciativa política que opõe-se ao sistema democrático tradicional (representado por agremiações partidárias por exemplo), e tem contato direto com as massas. Em face desta suposta hostilidade ao sistema democrático e aliança com as massas, o populismo é muitas vezes entendido como ameaça á manutenção das instituições democráticas.

Já o conceito de populismo enquanto “categoria explicativa de âmbito acadêmico”, no caso brasileiro foi formulado inicialmente pelas elites liberais para desqualificar Getúlio Vargas e o varguismo no contexto da redemocratização. Nos anos 1950, este termo passou a ser utilizado como conceito explicativo da sociedade brasileira, começando a ser estudado por um grupo de intelectuais conhecido como Grupo de Itatiaia<sup>45</sup>, que formulou uma tese para o populismo que, de certa forma perdura até os nossos dias<sup>46</sup>. Para este grupo, o populismo, entendido como fenômeno de massas, seria:

---

<sup>45</sup> Segundo Ângela de Castro Gomes (2001, p. 22-23), o Grupo de Itatiaia era formado por um grupo de intelectuais que, a partir de agosto de 1952, patrocinados pelo Ministério da Agricultura, realizavam reuniões periódicas em Itatiaia (entre o Rio de Janeiro e São Paulo) visando a discutir os problemas políticos, econômicos e sociais relacionados ao desenvolvimento do país. Em 1953, esse grupo criou o Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP) e passaram a publicar os Cadernos do nosso tempo. Entre os intelectuais do Grupo de Itatiaia, destacaram-se os sociólogos Hélio Jaguaribe e Alberto Guerreiro Ramos (BATISTELLA, 2012, p.468).

<sup>46</sup> A despeito da persistência do entendimento do populismo á luz da perspectiva da modernidade em setores da academia, na mídia e no senso comum, se faz necessário lembrar que, a partir dos anos 1970, com o advento de novos trabalhos acadêmicos sobre o tema, ampliaram-se os horizontes para o

[...] um fenômeno vinculado à modernização da sociedade, sobretudo no tocante ao processo de proletarização de trabalhadores que não adquiriram consciência de classe. Interpelados como massa, eles somente se liberariam dos líderes populistas quando alcançassem a verdadeira consciência de seus interesses. Não é difícil, portanto, perceber a influência da teoria da modernização. Mas, em segundo lugar, o populismo igualmente estava associado a uma classe dirigente que perdera sua representatividade, que carecia de exemplos e valores que orientassem toda a coletividade. Em crise e sem condições de dirigir o estado, as classes dominantes necessitaram conquistar o apoio político das massas emergentes. Por fim, diante da “inconsistência” das classes fundamentais da sociedade, o terceiro elemento completaria o fenômeno: o líder populista, homem carregado de carisma, com capacidade incomum para mobilizar e empolgar as massas. (GOMES, 2001, p.68).

Para analisar os sentidos do termo “populismo” e do adjetivo “populista” atribuídos a Trump pela Revista *Veja*, foram selecionadas quatro menções da revista onde ela usa os termos populismo/populista para referir-se a Trump. As menções são de diferentes períodos da campanha: da aclamação de Trump como candidato republicano em julho, quando da vitória do republicano em novembro e no período de transição do governo (em dezembro). Em sua edição de 03 de setembro de 2016, *Veja* questiona:

Como comparar o histriônico e populista Donald Trump com o comedido Mitt Romney, o bem-sucedido empresário formado em Harvard que representou os republicanos nas eleições de 2012?

Ao comparar o “comedido” Mitt Romney ao “histriônico e populista” Trump, percebe-se que o termo é utilizado como uma ofensa, não é possível induzir qualquer reflexão teórica na forma como foi colocado. Assim, *Veja*, cuja postura sempre foi de contrariedade ao candidato republicano, utiliza o termo populista com o intuito de “fabricar imagens politicamente desmerecedoras do adversário, esforçando-se para elaborar uma representação negativa daquele que se queria combater” (FERREIRA, 2001, p.08). Na *carta ao leitor* da edição de 16 de novembro de 2016 (que destaca a vitória de Trump), *Veja* afirma que a presente edição:

[...] oferece um pacote no qual o leitor poderá conferir o teste de esforço a que serão submetidas as instituições americanas para conter os eventuais arroubos de um antipolítico que se comportou como um bufão em campanha; a crescente onda da direita populista e nacionalista que ameaça engolfar um mundo que parecia globalizar-se como um imperativo da modernidade;

---

entendimento do populismo, sendo que um dos estudiosos que mais vem a contribuir para estas discussões é o historiador inglês Edward Thompson, para quem o populismo significa o protagonismo do povo no cenário político, levantando com tal definição “a possibilidade de associarmos o conceito de “populismo” da ideia de “manipulação”, ou ‘desvio de uma consciência política ideal’” (Fortes, 2010, p.190).

Ao destacar a “onda da direita populista e nacionalista” (da qual Trump é considerado o maior expoente), como uma ameaça a um “mundo que parecia globalizar-se como um imperativo da modernidade”, *Veja*, consciente ou inconscientemente recorre a tese do populismo calcada na teoria da modernização, a qual, vista sob uma perspectiva liberal, entende o fenômeno como “símbolo das forças responsáveis pelo atraso”, contrastando com a modernização apreçoada pelos defensores de uma concepção de Estado de caráter neoliberal.” (CAPELATO, 2001, p.141)

A forma como foi aberta a reportagem que noticia a vitória de Trump explicita o entendimento de *Veja* de que o triunfo de Trump e seu “movimento” são um atraso. A imagem que ilustra a reportagem da vitória do republicano [ Figura 2] mostra uma enorme foto da bandeira norte-americana com uma pequena imagem de Donald Trump (de braços abertos e voltado para a bandeira), tendo a frase “A Vitória do Atraso” como título. A imagem não deixa dúvidas de que o “atraso” é personificado pelo homem que aparece na foto voltado para a bandeira do seu país, de costas para o resto do mundo (em uma clara alusão ao ‘isolacionismo’ de Trump, alardeado por *Veja* como ameaça ao mundo globalizado, pressuposto da modernidade no entender da revista).



Figura 2 - *Veja*, 16/11/16, p.64-65

Corroborando a ideia do populismo enquanto atraso, na edição anterior (09 de novembro de 2016), *Veja* já havia afirmado que:

Wright, cidadezinha de 1800 habitantes no nordeste do estado, é um microcosmo dos Estados Unidos que ficaram presos no passado de glórias industriais- e que sucumbiram á direita populista nostálgica de Trump.

Ao vincular o apoio da “direita populista nostálgica de Trump” a setores rurais “presos ao passado”, a revista não só reforça a ideia do populismo enquanto atraso, como traz mais um componente da interpretação clássica do populismo, a de que os Estados Unidos “presos ao passado” “sucumbiram” ao populismo de Trump. O uso do termo “sucumbiram” remete a ideia de cooptação das massas que deixaram-se seduzir por um líder populista demagógico, ideia que reforça a “versão liberal do populismo, cuja explicação seria a manipulação e a demagogia dos líderes conjugadas a ignorância e ao atraso das massas” (FERREIRA,2001, p.78).

Por fim, na edição de 28 de dezembro de 2016, já com Trump eleito e a poucas semanas de ser empossado, *Veja* lembra, em artigo intitulado *A potência põe o mundo de pernas para o ar* que:

Em muitos aspectos, portanto, os americanos ressentidos com a globalização e com os políticos tradicionais promoveram uma ruptura histórica ao escolhê-lo. Com isso, puseram não só o próprio país, mas a ordem mundial de pernas para o ar, dando força aos ventos do populismo, do nacionalismo e do isolacionismo que sopram em outras paragens. Para onde tudo isso vai levar é um enigma – e as respostas mais assustadoras apontam para o passado.

A definição, além de reforçar elementos identificados anteriormente, como o “atraso” do populismo, traz outra característica comum da teoria clássica do populismo no Brasil, a ideia de que os “americanos ressentidos com a globalização e com os políticos tradicionais” promoveram uma “ruptura histórica” ao eleger Trump remete a percepção de “uma classe dirigente que perdera a sua representatividade” (FERREIRA,2001, p.68), cuja “inconsistência”, abriria espaço para o terceiro elemento que completaria o fenômeno populista na forma como ele é entendido no Brasil, “o líder populista, homem carregado de carisma, com capacidade incomum para mobilizar as massas” ( FERREIRA, 2001,p.68).

### **3.3 Donald Trump: Mentiroso**

A eleição presidencial norte-americana de 2016 trouxe uma ampla discussão sobre a imprensa e o conceito de mentira. Amplos fatores compõem esta discussão, mas nem um foi tão relevante como a difusão de sites de notícias falsas (*fake news*), amplamente utilizadas para prejudicar o adversário político ao longo da campanha eleitoral. A propagação de notícias falsas só foi possível, entre outras coisas, devido ao crescente descrédito/ declínio da imprensa tradicional que chegou a ser duramente



atacada na campanha presidencial norte-americana, sobretudo por candidatos republicanos que, ao denunciar as “manipulações” da mídia e seu alinhamento a interesses “alheios aos anseios do povo”, contribuíram decisivamente para a necessidade de busca por canais alternativos de notícias (sobretudo advindas de sites de credibilidade duvidosa ou das redes sociais como o *Facebook* e o *Twitter*).

O debate sobre a imprensa e a mentira, entretanto, ganharia novos contornos após Donald Trump chegar à Casa Branca. Após os meios de comunicação apontarem a baixa participação popular na cerimônia de posse de Trump com relação a posse de Barack Obama em 2008, a assessora especial do presidente Kellyanne Conway (contrapondo-se aos fatos apresentados pela imprensa), ofereceu a versão da Casa Branca sobre a participação popular na cerimônia de transmissão do cargo do novo presidente, justificando com isso a necessidade de haver “fatos alternativos” (na prática fatos que não compõe a visão da imprensa tradicional e que corroborem a interpretação da Casa Branca sobre a realidade).

Estes “fatos alternativos” defendidos pela nova administração não só ilustram os dilemas da era da dita “pós – verdade”<sup>47</sup>, como põe diferentes visões de mundo em rota de colisão. Para fazer serem ouvidos seus “fatos alternativos” na presidência (e atacar seus adversários e comunicar-se diretamente com seus eleitores durante a campanha), Trump passou a fazer uso intensivo das mídias sociais, nomeadamente do *Twitter*<sup>48</sup>, rede social através da qual ele tenta disputar com a mídia o movimento e o próprio teor da informação. Assim, ao rotular Donald Trump de mentiroso (chegando a contabilizar suas ‘mentiras’), a imprensa busca na verdade deslegitimar seu discurso impedindo que ele e os “fatos alternativos” que advoga sobreponham-se a mídia tradicional. A relação entre Donald Trump e a imprensa (e o conseqüente rótulo de mentiroso que um atribui ao outro), tem sido amplamente debatido entre jornalistas e especialistas. Adriana

---

<sup>47</sup> Segundo a Oxford Dictionaries, o termo “pós-verdade” com a definição atual foi usado pela primeira vez em 1992 pelo dramaturgo sérvio-americano Steve Tesich. Ele tem sido empregado com alguma constância há cerca de uma década, mas houve um pico de uso da palavra, que cresceu 2.000% em 2016. “‘Pós-verdade’ deixou de ser um termo periférico para se tornar central no comentário político, agora frequentemente usado por grandes publicações sem a necessidade de esclarecimento ou definição em suas manchetes”, escreve a entidade no texto no qual apresenta a palavra escolhida. Sobre isso ver: **O que é ‘pós verdade’, a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford.** Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>>. Acessado em: 24. nov. 2017

<sup>48</sup> Trump se autoproclamou o Hemingway dos 140 caracteres. São dele, segundo disse, “as melhores palavras”. Declarou amar o Twitter porque ali ele se sente como se tivesse o seu próprio jornal, só que sem os custos desse tipo de empreendimento. Sobre isso ver: **Populistas.** Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/populistas/>>. Acessado em: 27. Nov.2017.

Carranca e Simon Romero <sup>49)</sup> analisaram o impacto das notícias falsas, os equívocos dos jornais e a propaganda e manipulação que pautaram a campanha presidencial de 2016 e o início do governo Donald Trump. Desta análise inferiu-se que a disseminação de mentiras foi uma característica muito forte da campanha presidencial estadunidense, sendo os sites de checagem de informações apontados como uma iniciativa positiva no sentido de impedir e identificar informações mentirosas. Carlos Castilho<sup>50</sup> entra no debate sobre Trump a imprensa e a mentira ao discorrer sobre os “fatos alternativos” inaugurados na Era Trump, que segundo ele não são um absurdo, tendo em vista que cada pessoa percebe a realidade da própria forma.

Na revista *Veja* (que apesar de não ser um veículo de comunicação estadunidense reflete a visão da imprensa liberal norte-americana), a possível falta de compromisso de Trump com a verdade foi tema recorrente na cobertura sobre a campanha presidencial de 2016. Não que a prática de mentir tenha sido exclusividade do candidato republicano. Estimativas do *Politfact*<sup>51</sup> apontam que houve disseminação de mentiras de ambos os candidatos (Hillary Clinton e Donald Trump), embora o último supostamente tenha apelado de forma mais enfática ao recurso de mentir<sup>52</sup>.

A primeira adjetivação de Trump como mentiroso na cobertura de *Veja* da campanha presidencial dos Estados Unidos, se deu na edição de 24 de agosto de 2016, quando a revista afirmou que “Trump tem necessidade compulsiva de atenção, é mentiroso, tem déficit de concentração e é possível que nunca tenha lido um único livro na vida”.

A revista pondera, porém, que Trump não é o único com hábito de mentir. Na edição de 21 de setembro de 2016, *Veja* afirma que “Segundo um levantamento do *Politifact*, que caça mentiras ditas por políticos, Hillary diz mais verdades que Trump. Mas isso não basta. Ainda assim, mente”.

---

<sup>49</sup> Disponível em: < <http://observatoriodaimprensa.com.br/politica-internacional/era-trump-e-negacao-da-verdade/>>. Acessado em: 20.nov.2017.

<sup>50</sup> CASTILHO, Carlos. **A doutrina dos “fatos alternativos”**. Disponível em: < <http://observatoriodaimprensa.com.br/credibilidade/doutrina-dos-fatos-alternativos/>>. Acessado em: 20.nov.2017.

<sup>51</sup> Disponível em: <<http://www.politifact.com/truth-o-meter/lists/people/comparing-hillary-clinton-donald-trump-truth-o-met/>>. Acessado em: 02. Nov. 2017

<sup>52</sup> Examinando a etimologia do verbo “mentir”, Lafer observa que o mesmo é proveniente do latim *mentire* que quer dizer: mentir, imaginar, inventar. Sua raiz é a mesma de mens, mentis (a mente). Hannah Arendt considerou essa etimologia elucidativa, uma vez que a ação requer imaginação, quer dizer: a capacidade de pensar que as coisas podem ser diferentes do que são, para que possam ser modificadas. Ocorre, no entanto, que essa mesma imaginação que permite questionar os fatos, para que se possa mudá-los, permite desconsiderá-los. Em outras palavras: ambas as capacidades, a de questionar e a de desconsiderar os fatos, fazendo uso da imaginação, estão inter-relacionadas (GUERREIRO,2009, p.115).

Em face disto, *Veja* afirma, em 24 de agosto de 2016, que “a retórica que varia de racista- sexista a mentirosa-conspiratória, não cai bem para o público que vota apenas em pleito nacional. ”Ao fazer tal constatação, a revista acreditava que as mentiras de Trump ( entre outras coisas), seriam responsáveis pela derradeira queda do republicano, em um momento em que a campanha do nova-iorquino apresentava sinais de declínio e sua adversária Hillary Clinton liderava nas pesquisas apontando possível vitória democrata<sup>53</sup>. A expectativa de que as mentiras de Trump acabassem por levá-lo a derrota não se concretizaram, e *Veja*, às vésperas do dia da eleição presidencial reconheceu que:

Trump, arrogante e falastrão, permanece de pé – apesar dos insultos, **das mentiras sistemáticas**. O que vale é que Trump tirou das sombras um tipo de eleitor conservador que se sente inseguro ao ver as vagas de trabalho migrando da indústria para o setor de serviços a ao perceber que não faz parte da parcela da população que está em ascensão (o que inclui principalmente os imigrantes latinos, os negros e as mulheres). (*Veja*, 90/11/2016, p.73)

Em ocasião da posse do republicano, *Veja*, ao citar as formas pelas quais Trump supostamente ameaçaria a democracia americana, volta a destacar as “inverdades” proferidas pelo nova-iorquino.

Se durante o processo eleitoral as mentiras do candidato eram mencionadas como inerentes de um político “bufão” e “ falastrão’ (adjetivos de *Veja*), agora, com Trump na Casa Branca, o suposto hábito do presidente em mentir ganha contornos de ameaça à democracia nas páginas da revista *Veja*. Em edição de 25 de janeiro de 2017, o semanário afirmou que:

Pior ainda é a naturalidade com que Trump usa a rede social para divulgar notícias fabricadas por sites de credibilidade duvidosa. [...] **A democracia depende de um mínimo de boa-fé de seus protagonistas. Ao mentir sem pudores, Trump jogou esse princípio no lixo.**

Desta forma, a mentira é recorrentemente citada por *Veja* como qualificativo de Trump, político cujas ‘inverdades’ proferidas ganham status de ameaça à democracia a partir do momento em que o republicano toma posse como presidente.

---

<sup>53</sup> Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/08/hillary-lidera-e-venceria-se-eleicao-nos-eua-fosse-hoje-diz-pesquisa.html>>. Acessado em: 12.nov.2017.

### 3.4 De mentiroso a populista

Ao concluir-se a análise, evidenciou-se uma apresentação negativa de Donald Trump nas páginas da *Veja*.

Em que pese considerar-se um meio de comunicação defensor dos ideais liberais conservadores<sup>54</sup>, a *Veja* não encontrou nenhuma afinidade com Donald Trump e o “movimento” por ele representado.

Assim, as mentiras proferidas “sem pudores” pelo candidato, as supostas relações do nova-iorquino com a Rússia, e seu “desbragado” populismo são destacados na revista como diferentes maneiras de ameaça : as mentiras do candidato (que entram no discurso de *Veja* na lógica da disputa pelo controle da informação entre Trump e a mídia) constituir-se-iam em ameaça ao regime democrático norte-americano, as “relações” de Trump com os russos configurar-se-iam uma ameaça a ordem internacional, e o movimento “populista” liderado pelo candidato configurar-se-ia (segundo a lógica da teoria da modernidade brasileira implicitamente adotada por *Veja*), em um verdadeiro atraso, que ameaçaria a globalização ( pressuposto de modernidade para a revista).

---

<sup>54</sup> Em sua edição comemorativa de dez anos *Veja* afirmou que “[...] nos consideramos liberais. Muito se tem discutido, com vários graus de sofisticação, sobre se estas velhas e tradicionais definições ainda são válidas. Para nós são. E ser liberal, para nós, é querer o progresso com ordem, a mudança pela evolução, e a manutenção da liberdade e da iniciativa individuais como pedra angular do funcionamento da sociedade. Acreditamos, assim, no capitalismo democrático e estamos convencidos de que a livre iniciativa é o meio mais eficiente para se promover o progresso social. Isto por que consideramos a livre iniciativa o único sistema compatível ao mesmo tempo com uma sociedade pluralista, com as liberdades fundamentais do indivíduo, com a eficiência, com o dinamismo, com a inovação. (*Veja*, 13 de setembro de 1978, p.18).

## CONCLUSÃO

Com base no estudo do *corpus* desta pesquisa e no método de análise aqui adotado, podemos concluir que a figura política de Donald Trump durante as eleições presidenciais de 2016 foi apresentada de forma negativa na cobertura da revista *Veja*.

A noção de “ameaça” se fez muito presente na apresentação do candidato nas reportagens da revista *Veja*, sendo que este conceito permeia as principais adjetivações reputadas a ele na revista. As supostas “relações” de Donald Trump com a Rússia, por exemplo, aparecem no discurso de *Veja* inicialmente como um “exotismo” do candidato, então descrito como “admirador confesso” do presidente russo Vladimir Putin. Após o resultado da eleição em novembro, porém, as supostas relações do presidente eleito com a Rússia são descritas como potencialmente perigosas, constituindo-se em uma ameaça a ordem mundial.

Ao rotular Trump de populista (um dos termos mais recorrentes na revista ao referir-se ao candidato), *Veja* utiliza a expressão com o claro objetivo de desqualificar e desmerecer o candidato republicano, cuja campanha e eleitores seriam pressupostos do atraso. Aqui se verifica mais uma vez a noção de “ameaça” incutida no discurso da revista. Para *Veja*, o “populismo” de Trump com todas as suas ideias retrógradas como o nacionalismo e o isolacionismo, refletem uma ameaça ao mundo “globalizado” e “moderno”.

O emprego do termo “mentira” (outro dos adjetivos recorrentes no discurso de *Veja* ao referir-se a Trump), ao refletir a disputa entre a mídia e Donald Trump, pelo movimento e teor da informação, acaba sendo empregado como uma ameaça. Para *Veja*, ao “mentir sem pudores”, Trump estaria atacando a democracia e, conseqüentemente, oferecendo ameaça ao regime democrático norte-americano.

Desta forma, concluiu-se que a apresentação negativa de Trump nas páginas da *Veja* tem na noção de ameaça a sua essência. Sendo as supostas relações de Trump com a Rússia uma ameaça a ordem mundial, o alardeado populismo do candidato uma ameaça ao mundo “globalizado” e “moderno”, e as “mentiras sem pudores” do republicano entendidas como ameaça ao regime democrático norte-americano.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1ª ed. Lisboa/Portugal: edições 70, 1977
- BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001
- BÉDARIDA, François. Definición, método y práctica de la Historia del Tiempo presente. **Cuadernos de Historia Contemporánea**, Ciudad Universitaria, nº 20, p. 19-27, 1998
- BRAGA, Sandro; PEREIRA, Tiago Costa. Linguagem em (Dis) curso. v. 11, nº.1, p. 171-188, jan. /abr. 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ld/v11n1/a09v11n1> > Acessado em: 14 jun. 2017
- DELGADO, Lucília de Almeida; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de história. **Revista História Hoje**, São Paulo, nº 4, p. 19-34, 2013
- FERREIRA, Jorge (Org.). **O populismo e sua história: debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FISCHER, Marc. **Revelando Trump: a história de ambição, ego e poder do empresário que virou presidente**. Tradução Guilherme Miranda, Laura Folgueira; Prefácio de Carlos Gustavo Poggio Teixeira. São Paulo: Alaúde Editorial, 2017.
- FRIEDLANDER, Paul. **Rock and roll: uma história social**. 4ª ed. Rio de Janeiro. Record, 2006.
- GUERREIRO, Mário A.L. **Saberes**, Rio Grande do Norte, v. 1, n.2, maio 2009, p. 113 – 133, mai.2009. Disponível em: < <http://www.cchla.ufrn.br/saberes/Edicao2/Artigos/Mario%20A.%20L.%20Guerreiro,%20p.%20113-133.pdf> >. Acessado em: 12. Nov.2017
- HARVEY, Davis. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- HOBBSAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HUNT, E.K; LAUTZENHEISER, Mark. **História econômica: uma perspectiva crítica**. 3ª ed. São Paulo: ELSEVIER – Campus, 2005.
- JAMESON, Fredric. **Espaço e imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1994.
- JERÓNIMO, Jérémy Silveiras. **A NOVA DIREITA RADICAL AMERICANA O “Movimento Tea Party”**: entre a Homogeneidade e a Heterogeneidade política. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Ciência Política - Universidade DA Beira Interior, 2013.
- JÚNIOR, José Arbex. **A outra América: apogeu, crise e decadência dos Estados Unidos**. 4ª ed. São Paulo: Moderna, 1994.
- KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003.

- LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- MAGNOLI, Demétrio. **O mundo contemporâneo: relações internacionais 1945-2000**. São Paulo: Moderna, 1996.
- MICHAEL, George. A nova onda populista nos Estados Unidos. *Relações Internacionais* [online]. 2016, n.50, pp.23-38.
- OLIVEIRA, Marcos Guedes de, LIMA, Rafael Mesquita de Souza. George W. Bush aos olhos da revista veja. **Alceu**, Rio de Janeiro, n° 28, p. 37 – 46, jan. /jun. 2014. Disponível em: < <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu%2028%20-%2037-46.pdf> > . Acessado em: 29 mai. 2017
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A política externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** 2ª ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- PURDY, Sean. O século americano. In: KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: editora Scipione, 2014
- RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.
- RIBEIRO, Wagner Costa. A quem interessa a globalização. **Revista ADUSP**, 1995, n° 2, p. 18- 21.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996, p. 273.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001
- SELLERS, Charles; MAY, Henry Farnham; MCMILLEN, Neil R. **Uma reavaliação da história dos Estados Unidos: de colônia a potência imperial**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.
- STONE, Oliver; KUZNICK, Peter. **A história não contada dos Estados Unidos**. 1. ed. São Paulo: Faro Editorial, 2015.
- TRUMP, Donald J., SCHWARTZ, Tony. **A Arte da Negociação**. Tradução de Áurea Cosenza Torres Dal Bó e Norma Pinto Carvalho. 1ª ed. São Paulo: Campus, 1989
- VEJA, Acervo Digital. Disponível em: < <https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/editions> >. Acessado em: 07.set.2017.
- VIRILLO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- VISENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. **Dez anos que abalaram o século XX: política internacional de 1989 a 1999**. Porto Alegre: Novo Século, 1999.
- VIZENTINI, Paulo Fagundes. Editorial: Trump & Putin. **Boletim de Conjuntura NERINT**, Porto Alegre, v.1, n° 4, p.1-19, jan.2017.

## **APÊNDICES**



APÊNDICE A - Trabalhos Acadêmicos catalogados que tiveram <i>Veja</i> como fonte principal/objeto de pesquisa.			
Nome do Trabalho	Autores (as)	Ano de Publicação	Área de Conhecimento da pesquisa
<b>George W. Bush aos olhos da revista <i>Veja</i></b>	Marcos Guedes de Oliveira; Rafael Mesquita de Souza lima	2014	Comunicação Social/Jornalismo
<b>Hugo Chavez na <i>Veja</i>: a Construção de estereótipos na revista mais lida do Brasil</b>	José Eduardo Umbelino Filho; Francislanda Rodrigues	2014	Comunicação Social/Jornalismo
Da Contestação ao consumismo: a trajetória da cultura jovem nas páginas da revista <i>Veja</i> (1968/2006)	Paulo Cirne de Caldas;	2007	Comunicação Social/Jornalismo
<b>A produção de sentidos sobre Barack Obama no jornalismo das revistas <i>Veja</i> e <i>Época</i></b>	Daniela Andrade Torres de Bem	2011	Comunicação Social/Jornalismo
<b>Eleições presidenciais de 2010 segundo a <i>Revista Veja</i></b>	Fernanda Santos	2011	Comunicação Social/Jornalismo
O 1º de maio na “era da midiaticização”: Novos Movimentos, velhos sentidos em <i>Veja</i>	Regina Schuster, Márcia Franz Amaral	2013	Comunicação Social/Jornalismo
Massacre em Realengo: a cobertura imagética da revista <i>Veja</i> em ataque misógino	Hertez Wendel de Camargo; Renata Frigeri	2011	Comunicação Social/Jornalismo
Ação Afirmativa na Revista <i>Veja</i> : estratégias editoriais e o enquadramento do debate público	Verônica Toste Daflon; João Feres Jr.	2012	Comunicação Social/Jornalismo
Mídia e Cultura: uma narrativa da Revista <i>Veja</i> sobre o indígena brasileiro	Carolina Silva Costa; Antônio Sebastião Silva	2015	Comunicação Social/Jornalismo
Abandono social e midiático: as representações da criança de rua nas páginas da Revista <i>Veja</i> São Paulo	Guy Pinto de Almeida Jr.; Doris Martínez Vizcarrondo	2015	Comunicação Social/Jornalismo
<b>Narrativas do tempo</b>	Valquíria Michela		

<b>presente no jornalismo de revista: um olhar sobre a cobertura da América Latina em 45 anos da revista <i>Veja</i></b>	John; Felipe da Costa; Guilherme Felipe Busnardo; Pricilla Tiane Vargas; Robson Souza dos Santos; Thiago Amorim Caminada	2016	Comunicação Social/Jornalismo
<b>O feminino nas eleições presidenciais- o discurso de veja e IstoÉ sobre as mulheres candidatas</b>	Mariangela Monfardini Biachi	2013	Comunicação Social/Jornalismo
<b>Reflexões semióticas sobre a construção da imagem do presidente Lula nas capas da revista “<i>Veja</i>” e da cobertura personalista da política como representação do real</b>	Poliana Monteiro Napoleão	2006	Comunicação Social/Jornalismo
<b>Discurso antecipado: as capas da <i>Veja</i> nas vésperas das eleições presidenciais de 2010 e 2014</b>	Iander Moreira Porcella; Elisângela Carlosso Machado Mortari	2016	Comunicação Social/Jornalismo
<b>Cobertura da revista <i>Veja</i> sobre a imagem de Lula durante as eleições disputadas – Uma análise a partir das imagens</b>	Pâmela Mendes Leony	2011	Comunicação Social/Jornalismo
<b>Brasil, modelo 70: futebol e política na Revista <i>Veja</i> em 1970</b>	Lívia dos Santos Chagas	2009	Comunicação Social/Jornalismo
<b>Ética, Imprensa e poder Itamar Franco na pauta de cobertura da revista <i>Veja</i></b>	Djenane de Oliveira Pimentel	2002	Comunicação Social/Jornalismo
<b>A construção da imagem pública de Lula pela Revista <i>Veja</i> nas eleições de 1998 e 2002</b>	Karina Lima da Silva	2005	Comunicação Social/Jornalismo
<b><i>Veja</i> FHC, <i>Veja</i> Lula: análise dos discursos de capa da revista <i>Veja</i> sobre os dois candidatos à presidência</b>	Carlos Augusto Dantas Pacheco	2008	Comunicação Social/Jornalismo

<b>Veja e o PT: do “risco Lula” ao “Lula light”</b>	Carla Luciana Silva	2006	História
<b>Do Xá ao aiatolá: As representações sobre a Revolução Iraniana através da revista <i>Veja</i> (1978-1979)</b>	David Anderson Zanoni	2013	História
<b>A Revista <i>Veja</i> e o governo Itamar Franco</b>	Carla Luciana Silva	2006	História
Desumanizando o outro: a construção do imaginário anticomunista na revista <i>Veja</i> (1968-1970)	Tamiris Carvalho	2013	História
<b>A revista <i>Veja</i> durante a ditadura civil-militar brasileira: uma discussão a respeito do seu papel no campo do poder e da luta de classes</b>	Edina Rautenberg	2011	História
<b>Revista <i>Veja</i> e Fernando Collor: o espetáculo na política brasileira (1988- 1992)</b>	Anderson dos Santos	2007	História
<i>Veja</i> : o indispensável partido neoliberal (1989 – 2002)	Carla Luciana Souza da Silva	2005	História
<b>“A cor da esperança”: As representações de Nelson Mandela na Revista <i>Veja</i></b>	Renné França; Rosa Cabecinhas	2010	História
<b>O Movimento estudantil em 1977 e a atuação política da Revista <i>Veja</i></b>	Juliana Caetano Vaccari Tezini	2007	História
Notícias sobre a África Representações do Continente Africano na Revista <i>Veja</i> (1991-2006)	Anderson Ribeiro Oliva	2008	História
Fotografia na Imprensa: Conflitos na Câmara escura	José Lúcio da Silva Menezes	2014	História
O “Admirável Mundo” de <i>Veja</i> : Influências sociais de uma Revista de informação	Carla Luciana Souza da Silva	2008	História

<b>A Construtora Mendes Júnior na revista <i>Veja</i>: Imprensa, Empreiteiras e Ditadura Civil – Militar Brasileira</b>	Edina Rautenberg	2013	História
<b>O Fotojornalismo e a sucessão de Costa e Silva: A imagem do General Emílio Garrastazu Médici na revista <i>Veja</i> ( 1969)</b>	Fabiana Aline Alves; Paulo César Boni	2011	História
Revista <i>Veja</i> , Masculinidades e Consumo ( Década de 1970)	Silvia Maria Fávero Arend; Douglas Josiel Voks	2014	História
<b>Feminismo e resistência: 1975 – o Centro da Mulher Brasileira e a revista <i>Veja</i></b>	Ana Maria Marques; Andreia Marcia Zattoni	2014	História
<b>O Discurso da revista <i>Veja</i> no contexto da Crise do Mensalão</b>	Welisson Marques	2011	Letras/Linguagem/ Linguística
<b>O Discurso da revista <i>veja</i> e a construção da imagem do PT</b>	Ivanaldo Santos; Rigilberto José Silva	2012	Letras/Linguagem/ Linguística
Análise Publicitária da Rede de Lanches Habis's Publicada na Revista <i>Veja</i>	Fernanda de Souza Pedroso; Marcos Alves Martins Germiniano	2012	Letras/Linguagem/ Linguística
<b>Quando a história cala e o exótico fala: efeitos de sentido na cobertura da revista <i>Veja</i> na pré-candidatura de Obama à presidência dos EUA</b>	Sandro Braga; Tiago Costa Pereira	2011	Letras/Linguagem/ Linguística
Entre o fato e a sedução: a construção de sentidos nas capas da revista <i>Veja</i>	Fernanda Nunes Machado; Ana Nelcinda Garcia Vieira	2011	Letras/Linguagem/ Linguística
As relações dialógicas nas capas da revista <i>Veja</i> : discursos e valoração	Aprígio Francisco da Silva Júnior; Maria Gislaine Mirele de Lima	2012	Letras/Linguagem/ Linguística
Educados no sexo neutro: a construção discursiva de sexualidade e de gênero	Dánie Marcelo de Jesus	2014	Letras/Linguagem/ Linguística

em um texto da revista Veja			
<b>O poder de comunicação da revista Veja nas eleições de 2002 e de 2006 à luz da linguística de corpus</b>	Edson Roberto Bogas Garcia	2012	Letras/Linguagem/ Linguística
Análise da capa da revista Veja 'o mal'	Edineia Duarte da Silva Freitas; Joseane Nascimento Lima da Silva	2012	Letras/Linguagem/ Linguística
O discurso de autoajuda em uma revista semanal de informação	Arci Gardência Alves Santos; Eduarda Leal Cunha	2015	Psicologia
(Im) Posturas jornalísticas: incompreensões da revista Veja sobre B. F. Skinner	Marcos Spector Azoubel; Gabriela Mendes Abbud	2015	Psicologia
<b>Veja Fernando Henrique Cardoso: “Grande tacada” A construção de um projeto político</b>	Vanderson Martins Barbosa	2005	Ciências Políticas
O enquadramento da crise hídrica na revista Veja	Andrea Reis, Carla Montuori Fernandes	2016	Ciências Sociais
<b>O presidente do mundo: Barack Obama antes e depois da eleição na cobertura de Veja</b>	Fhoutine Marie	2009	Ciências Sociais
<b>40 anos da morte de “Che”: Uma análise das reportagens publicadas em Veja e Carta Capital</b>	Pedro Miguel; Júlio Lima da Rocha; Ruy Rocha	2008	Comunicação Social/Jornalismo